

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA
NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO**

MATALANGA MABIALA

**A BELEZA DA LITURGIA,
MANIFESTAÇÃO DA PRESENÇA REAL DE CRISTO.**

SÃO PAULO
-2007-

PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

MATALANGA MABIALA

**A BELEZA DA LITURGIA,
MANIFESTAÇÃO DA PRESENÇA REAL DE CRISTO.**

Dissertação apresentada como exigência para a obtenção do título de Mestre em Teologia Dogmática com concentração em liturgia, à comissão Julgadora da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção sob a orientação do **Prof. Dr. Pe. Gregório Lutz.**

São Paulo 2007.

AGRADECIMENTOS

Nos meus estudos, muitas pessoas me acompanharam e colaboraram de longe ou de perto de várias maneiras pelas orações, pelos encorajamentos e pela bolsa. Elas merecem o meu agradecimento. Por isso, de coração sincero, quero agradecer:

À Congregação de Imaculado Coração de Maria que me deu a oportunidade de estudar em vista da missão.

À diretoria da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção que me acolheu como aluno e me concedeu uma parte da bolsa para bancar os meus estudos.

Aos professores da pós- graduação e de modo especial: ao Doutor Gregório Lutz, um verdadeiro poço litúrgico onde tive oportunidade de saciar a minha sede; ao Doutor Valeriano Santos Costa cujas aulas me inspiraram o tema da minha dissertação e ao Doutor José Raimundo pelo seu rico conteúdo e a sua atenção.

Aos amigos e irmãos o padre Sylvestre Sangala, o padre Atta Achille e a Irmã Irene Barbosa, pessoas que estavam muito perto de mim para me animar sobretudo nos momentos mais difíceis.

Ao monsenhor João Batista Carvalho e todos fieis da paróquia São José Operário(diocese de Campo Limpo) que me acolheram para a pastoral.

A toda a minha família, aos amigos e amigas que estavam sempre em comunhão comigo pelas orações e pelas palavras amigas para me incentivar.

A Dom José Foralosso que me permitiu de fazer a pesquisa de campo sobre a presença real de Cristo na liturgia nas diferentes paróquias da diocese de Marabá.

Que Deus abençoe a todos e que cada um encontre na beleza um caminho para chegar até Deus.

ABREVIACOES E SIGLAS

CIC	=Catecismo da Igreja Católico.
CNBB	=Conferncia Nacional dos Bispos do Brasil.
DS	=DENZINGER, Heinrich; HNERMANN, Peter. <i>El Magistério de la Iglesia: Enchiridion Symbolorum, definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum</i> . 2 ed. Corrigida, Barcelona: Herder, 2000.
IGMR	= Instrução Geral sobre o Missal Romano.
LG	=Lmen Gentium.
SC	= Sacrossanctum Concilium.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	03
ABREVIACÕES E SIGLAS	05
INTRODUÇÃO	10
Capítulo I: DEFINIÇÃO DE CONCEITOS	12
Introdução	12
1 Beleza	13
<i>1.1 A beleza do ponto de vista filosófico</i>	13
1.1.1 Origens da beleza do ponto de vista filosófico.....	13
1.1.2 A beleza do ponto de vista filosófico, vista a partir de diferentes ângulos.....	14
1.1.3 Características da beleza do ponto de vista filosófico.....	15
1.1.4 Definição da beleza do ponto de vista filosófico.....	16
<i>1.2 A beleza do ponto de vista teológico</i>	17
1.2.1 Deus, Fonte e Autor de toda beleza.....	17
1.2.2 Os reflexos da beleza divina.....	19
1.2.2.1 Reflexo da beleza divina em Jesus Cristo.....	19
1.2.2.2 Reflexo da beleza divina no ser humano.....	20
1.2.2.3 Reflexo da beleza divina no cosmo.....	22
1.2.2.4 Reflexos da beleza divina nas artes e nos objetos sacros.....	23
1.2.3 Definição da beleza do ponto de vista teológico.....	23
2 A liturgia	24
<i>2.1 A liturgia em geral</i>	24
<i>2.2 A liturgia em particular</i>	27

2.2.1 A liturgia como realidade criativa.....	27
2.2.2 A liturgia inculturada.....	28
2.3 A beleza da liturgia.....	30
3 A manifestação.....	31
4 A presença real de Cristo na liturgia.....	32
4.1 A presença real de Cristo na liturgia conforme a bíblia.....	33
4.2 A presença real de Cristo na liturgia documentado ao longo da história da Igreja.....	36
4.3 A presença real de Cristo na liturgia no Concílio Vaticano II.....	41
4.4 Definição da presença real de Cristo na liturgia.....	44
Conclusão.....	46

Capítulo II:

A MANIFESTAÇÃO DA PRESENÇA REAL DE CRISTO

NA BELEZA DA LITURGIA ENQUANTO REALIDADE SACRAMENTAL.....	47
Introdução.....	47
1 As duas formas de beleza na liturgia.....	49
2 O papel dos sentidos na liturgia.....	51
3 Os efeitos da beleza da liturgia nos participantes da celebração litúrgica.....	54
4 Manifestação da presença real de Cristo na beleza da sacramentalidade da liturgia.....	56
4.1 A sacramentalidade.....	56
4.1.1 A marca do Criador e a potencialidade nos sinais litúrgicos.....	57
4.1.2 Definição da sacramentalidade.....	59
4.2 A experiência da beleza da liturgia como experiência e manifestação da presença real de Cristo.....	59

4.3 A prova da experiência da presença real de Cristo na liturgia	62
Conclusão	64
Capítulo III:	
PISTAS PARA PROMOVER A BELEZA DA LITURGIA E DE SUA	
INFLUENCIA PARA A VIDA CRISTÃ	
Introdução	66
1. Formação	67
1.1 Os destinatários da formação.....	67
1.2 Formação para a beleza.....	69
1.2.1 Formação para a beleza em geral.....	69
1.2.2 Formação para a beleza ecológica.....	71
1.3 Formação para a liturgia.....	72
1.3.1 Formação para a liturgia como realidade bela.....	72
1.3.2 Formação para a liturgia como realidade criativa.....	73
1.4 Formação para a beleza da arte sacra.....	73
1.4.1 Formação para a beleza da arte sacra em geral.....	74
1.4.2 Formação para a beleza da arte sacra em particular.....	75
1.4.2.1 Formação para a beleza do espaço litúrgico.....	76
1.4.2.2 Formação para a beleza dos objetos no espaço litúrgico.....	77
2. Pistas para incrementar a beleza da liturgia como manifestação	
da presença real de Cristo	78
2.1 Pistas para incrementar a beleza numa liturgia autêntica e universal.....	78
2.1.1 As palavras.....	78
2.1.2 Os gestos.....	79

2.1.3 Os cantos e a música.....	80
2.1.4 O silêncio.....	81
2.2 <i>Pistas para incrementar a beleza numa litúrgica inculturada.....</i>	83
2.3 <i>Pistas para incrementar a beleza num espaço litúrgico.....</i>	84
2.4 <i>Pistas para incrementar a beleza nas imagens adequadas.....</i>	86
2.5 <i>Pistas para incrementar a beleza nos mobiliários e outros objetos.....</i>	86
Conclusão.....	90
CONCLUSÃO GERAL.....	92
BIBLIOGRAFIA.....	95

INTRODUÇÃO

O trabalho que vamos apresentar para a conclusão de mestrado em liturgia surge de uma preocupação pastoral nas diferentes comunidades e paróquias onde exercemos nosso ministério.

É comum após uma celebração eucarística os fiéis comentarem sobre a liturgia. Às vezes dizendo que a celebração foi bonita porque o padre fez um bom sermão, os cantos foram bem entoados e o ambiente foi acolhedor. Ou ainda comentando que a celebração não foi bonita porque o som estava muito alto, o ambiente não foi agradável e não gostamos do padre. É provável que os primeiros tenham alcançado o objetivo da celebração porque se sentiram bem. Os segundos, no entanto, podem não ter alcançado o objetivo porque algumas coisas não os satisfizeram.

Tais comentários nos levam a perceber que uma celebração litúrgica não pode ser de qualquer maneira. É uma arte. É uma ação que deve ser bela para que os participantes alcancem o objetivo da liturgia. De fato, o que leva homens e mulheres às celebrações litúrgicas é a celebração do mistério pascal. É um momento privilegiado em que a assembléia reunida tem encontro com Deus, faz a experiência de manifestação da presença real de Cristo. Para isto, é importante que a liturgia seja bela.

No nosso trabalho de dissertação queremos mostrar que pela beleza da liturgia, os participantes da celebração litúrgica podem chegar a perceber a manifestação da presença real de Cristo e a fazer a experiência da mesma.

Mostrar a beleza da liturgia como via para perceber a manifestação da presença real de Cristo não é o único objetivo do trabalho. Queremos também levar os fiéis a tomar consciência da importância da beleza para a liturgia. Este é um trabalho que pretendemos fazer em três capítulos.

No primeiro definiremos os conceitos que constituem o tema: *beleza, liturgia, manifestação e presença real de Cristo*. Para uma compreensão mais ampla dos conceitos, partiremos de diferentes fontes: as obras filosóficas, a Bíblia, os documentos da Igreja e dos padres da Igreja.

No segundo capítulo falaremos da manifestação da presença real de Cristo e da experiência da mesma pela beleza da liturgia.

No terceiro capítulo daremos pistas para promover a beleza na liturgia e na vida cristã em geral.

Capítulo I

DEFINIÇÕES DE CONCEITOS

Introdução

Apresentaremos o conceito *beleza* a partir de dois pontos de vista: *filosófico* e *teológico*. Do ponto de vista filosófico, o conceito será estudado na sua realidade natural, quer dizer, entendendo a beleza do jeito que ela é percebida no mundo sensível.

Do ponto de vista teológico, partiremos da beleza na sua realidade natural, do jeito que é percebida no mundo sensível, para procurar perceber além dela, à luz da fé, a beleza e as realidades divinas.

Falaremos da *liturgia* conforme o *Concílio Vaticano* a descreveu. Explicaremos os termos importantes da descrição e também o que se entende por *beleza da liturgia*.

Para entender o que é a *presença real de Cristo na liturgia*, partiremos da Bíblia e percorreremos brevemente a história da Igreja, começando pelo período dos padres da Igreja até o *Concílio Vaticano II*. Definiremos e explicaremos o conceito de *manifestação* de modo breve porque ele será também tratado no segundo capítulo.

As definições e as explicações desses conceitos levarão a compreender melhor o tema e a saber em que consiste o trabalho. Este esclarecimento do tema será o conteúdo da conclusão.

1. A Beleza.

Vamos procurar entender o significado do conceito beleza partindo dos pontos de vista filosófico e teológico.

1.1 A beleza do ponto de vista filosófico.

Apresentaremos a origem da beleza e os dois ângulos a partir dos quais ela pode ser vista. Daremos duas das suas características importantes e tentaremos uma definição da mesma. Uma pequena conclusão marcará o fim da reflexão que será iluminada por alguns autores como *Tomas de Aquino, Kant, Hegel, Japiassú e Marcondes*.

1.1.1 Origens da beleza ponto de vista filosófico

Olhando para a beleza no mundo, nota-se que ela tem duas origens diferentes: *natural e artística*.

A *beleza natural* é aquela que se encontra na natureza, nasce por si mesma sem a intervenção do ser humano. Ela pode ser contemplada nas coisas e nos seres vivos: os seres humanos, os fenômenos da natureza como o pôr-do-sol, a floresta, a fauna, os rios, as montanhas e as estrelas.

A *beleza artística* é um produto da atividade humana. O homem, pela sua inteligência e pelos recursos da natureza, pode produzir a beleza nas coisas para que elas sejam mais agradáveis. Ela é fruto de um esforço, de um raciocínio, de um trabalho do homem, cuja tecnologia à sua disposição, lhe permite eliminar as imperfeições. É uma beleza que pode ser superior à beleza natural. *Hegel* se refere aos dois belos falando do *belo artístico* e do *belo natural*, e faz uma comparação entre os dois. *Hegel* afirma que “o belo artístico é superior ao belo natural, por ser um produto do espírito que, superior à natureza, comunica esta superioridade aos

seus produtos e, por conseguinte, à arte; por isso é o belo artístico superior ao belo natural. Tudo quanto provém do espírito é superior ao que existe na natureza”¹.

1.1.2 A beleza do ponto de vista filosófico vista a partir de diferentes ângulos

A beleza do ponto de vista filosófico pode ser vista a partir de diferentes ângulos, entre eles, a *beleza estética* e a *beleza ética*.

A *beleza estética* é a característica de uma realidade cujos elementos que a constituem criam entre eles harmonia, simetria, ordem e por fim apresentam um tudo belo na forma. É neste sentido que no *dicionário de pensamento contemporâneo*, *García Moriyón* fala da beleza estética de um objeto afirmando:

Em qualquer produção humana, a beleza tem a ver com determinadas características que concernem à forma em que esta produção se apresenta. A disposição dos objetos, as relações que se estabelecem entre as partes e o todo, o equilíbrio harmônico entre os diferentes elementos, estas e outras características são as que definem a beleza de um objeto².

A beleza estética obedece aos padrões de uma cultura e de uma época que determinam as normas e os critérios de apreciação os quais servem como ponto de referência para uma realidade ser julgada ou declarada bela.

A *beleza ética* é característica da vida de uma pessoa, com as suas diferentes virtudes morais que a tornam uma pessoa boa, do bem, amorosa, misericordiosa, admirada e respeitada

¹HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética: a idéia e o ideal; Estética: o belo artístico ou o ideal; A fenomenologia do espírito; Introdução à história da filosofia*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 3.

²FÉLIX, García Moriyón. *Beleza*. In: VILLA, Mariano Moreno. *Dicionário de pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2000, p.79.

pela sociedade. Quando *Tomás de Aquino* fala da beleza espiritual, a partir do exercício das virtudes e da honestidade, ele se refere justamente à beleza ética. Com efeito, ele afirma que a beleza espiritual

consiste em a atividade do homem, i.é. as suas ações serem bem proporcionadas segundo o esplendor espiritual da razão. Ora isto constitui o honesto, na sua natureza mesma, o qual, como dissemos, é o mesmo que a virtude, que introduz em todas as causas humanas a regra racional. Por onde, o honesto é o mesmo que a beleza espiritual³.

Como a beleza estética, a beleza ética também agrada e desperta admiração, alegria, contemplação; causa diferentes efeitos no ser humano. É no mesmo sentido que *Jacques Leclercq* afirma que “uma bela ação, o espetáculo de uma bela vida fazem a impressão muito semelhante à de uma bela obra de arte”⁴.

1.1.3 Características da beleza do ponto de vista filosófico

A beleza tem várias características, mas destacaremos apenas duas que têm importância para o tema do nosso trabalho. Trata-se da *universalidade e do poder atraente*.

A beleza é universal porque ela pode ser percebida por qualquer um, independentemente da cultura, raça, nação ou idade. Nesse caso, os critérios de avaliação não têm barreiras e a linguagem falada sobre a beleza é comum e universal. *Kant* fala desta universalidade da beleza

³ TOMAS DE AQUINO. Utrum honestum sit idem quod Decorum. In: *Suma teológica*. Volume II, q.145, a.2. Rio Grande do Sul: Livraria Sulina, 1980.

⁴ LECLERCQ, Jacques. *Les grandes lignes de la philosophie morale*. Louvain: Publications universitaires de Louvain; Paris: Editions Beatrix-Nauwelaerts, 1964, p. 238.

afirmando que “o belo é o que é representado sem conceito como objeto de complacência universal”⁵.

O *poder atraente* é característica da beleza que é própria da sua natureza e que faz dela algo que agrada. Pelo poder atraente, a beleza causa efeitos na pessoa e desperta diferentes sentimentos. Ao perceber a beleza, a pessoa pode ficar excitada e alegre; pode admirar, contemplar ou ainda entrar em êxtase.

1.1.4 Definição da beleza do ponto de vista filosófico

A beleza do ponto de vista filosófico pode ser definida como caráter de um ser, de uma coisa, de um fato, de uma virtude, de um gesto que, ao ser percebido pelos nossos sentidos e julgado pela nossa razão, pode agradar, despertar na pessoa estímulo e vários efeitos benéficos.

Nesta definição, *agradar* é uma palavra-chave e importante, a qual se encontra nas definições e reflexões de vários autores. Segundo *Tomás de Aquino*

chamam-se belas as coisas que, vistas agradam. E, por isso, o belo consiste na proporção de vida; pois, os sentidos se deleitam com os seres, devidamente proporcionados, como se lhes fossem semelhantes; porque eles, ao modo de toda virtude cognoscitiva, são, de certa maneira proporção ⁶.

A razão mais profunda do ser da beleza, sem a qual não terá mais sentido, é a de agradar, de alegrar, de encantar, trazendo para o homem alguns benefícios.

Na percepção da beleza, a razão e os sentidos são de suma importância. Estes a percebem e aquela julga. Podemos afirmar que percebe a beleza quem tem condição de sentir, de raciocinar,

⁵ KANT Immanuel. *Crítica da faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forenso universitária, 1993, p.56.

⁶ TOMAS DE AQUINO. Utrum honestum sit idem quod Decorum. In: *Suma Teológica*. Volume VII, q.145, a.2. Rio Grande do Sul: Livraria Sulina Editora, 1980.

de julgar e de discernir. Tudo mundo sabe disso e, no mesmo sentido, *Kant* afirma: “Para apreciar o belo, há que possuir um espírito cultivado”⁷.

Para concluir, esse ponto de vista filosófico nos levou a ver a beleza na sua realidade natural e artificial, isto é, produto da natureza e do esforço do homem. Ela é percebida pelos sentidos, entendida, compreendida e julgada a partir da razão, do jeito que é vista no mundo sensível. Ela se caracteriza pelo agrado e pela universalidade, e pode ser vista a partir de dois ângulos que são a beleza estética e a beleza ética.

Depois de falar da beleza do ponto de vista filosófico, vamos agora falar da mesma do ponto de vista teológico: o homem olhando a beleza com os olhos da fé.

1.2 A beleza do ponto de vista teológico

Trataremos aqui do Autor e da Fonte da beleza da criação, apresentaremos os diferentes reflexos da beleza divina, tentaremos uma definição da beleza do ponto de vista teológico e por fim, daremos uma pequena conclusão.

1.2.1 Deus, Fonte e Autor de toda beleza

Deus é a Beleza por excelência e a Fonte de onde emana a beleza de toda criação. Depois de criar o mundo, ele mesmo chegou a admirar a beleza da sua obra. É o que está escrito no Gênesis: “Deus viu tudo que havia feito, e tudo era muito bom”(Gn1, 13). É importante notar que na Bíblia e, de modo particular no Antigo Testamento, a palavra grega “kalos” significa belo, bom e verdadeiro.

⁷A filosofia kantian In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética: a idéia e o ideal, Estética: O Belo artístico ou o ideal*. 4 ed. São Paulo: Nova cultural, 1988, p. 55.

O livro da Sabedoria nos mostra e nos ajuda a perceber Deus como Fonte e Autor da beleza. O autor do livro afirma:

São naturalmente insensatos todos os homens que ignoram a Deus e que, através dos bens visíveis, não chegam a reconhecer aquele que existe. Consideram as obras, mas não reconhecem o seu artífice [...] Se ficam fascinados com a beleza dessas coisas, a ponto de tomá-las como deuses, reconheçam o quanto está acima delas o Senhor, pois foi o autor da beleza quem as criou. Se ficam maravilhados com o poder e atividade dessas coisas, pensem então quanto mais poderoso é Aquele que as formou. Sim, porque a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por comparação, contemplar o Autor delas”(Sb 13, 1.3-5).

No versículo 3: “se ficam fascinados com a beleza dessas coisas, a ponto de tomá-las como deuses, reconheçam o quanto está acima delas o Senhor, pois foi o autor da beleza quem as criou”, o autor do livro afirma que o Senhor é Autor da beleza e é ele também quem criou as coisas admiradas. No versículo 5: “ Sim, porque a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por comparação, contemplar o Autor delas”, o autor do livro compara a beleza das criaturas à beleza do Autor delas. Pela beleza das criaturas, o ser humano pode imaginar como é a beleza do Criador. E podemos perceber também no mesmo versículo 5 que a beleza das criaturas é rastro da beleza de Deus.

O autor do livro da sabedoria fica maravilhado ao contemplar a beleza das coisas do mundo e se pergunta como muitos homens não chegam a reconhecer Deus, que é o Criador e a Fonte da beleza dessas coisas. Ver a beleza das coisas do mundo e não reconhecer o Deus que as criou é ser insensato, segundo o autor.

1.2.2 Os reflexos da beleza divina

A beleza divina, cume de todas as belezas, torna-se presente no mundo sensível e pode ser percebida. Ela se faz reflexo em *Jesus Cristo*, no *cosmo*, no *mundo*, nas *artes e objetos sacros*. Vejamos como isso ocorre em cada um deles.

1.2.2.1 Reflexo da beleza divina em Jesus Cristo

Quem vê *Jesus Cristo*, vê o Pai que o enviou (Jo 13, 45). Ele é a irradiação da glória divina e nele Deus se expressou como ele é (Hb 1, 2-3). Expressando-se em *Jesus Cristo* como ele é, ele se expressou também com a sua beleza. Mas se *Jesus* terrestre é a revelação da glória, da beleza de Deus, esta mesma beleza se manifestou plenamente na ressurreição. E isso é comprovado na transfiguração (Mt 17,1-9). Com efeito, *Jesus* leva consigo *Pedro, Tiago e João* a uma alta montanha onde se transfigurou diante deles: o rosto dele brilhou como o sol e as roupas ficaram brancas como a luz. Esta visão foi a antecipação da glória, da beleza de Cristo à ressurreição. *Jesus* quis mostrar aos discípulos a beleza e a glória que deveria viver na ressurreição e lhes proibiu de contar a alguém antes que isso acontecesse.

E como se vê, *Jesus* teve que se aniquilar, perdendo a sua própria beleza na cruz para se irradiar da beleza divina. A cruz em si é feia, mas se tornou *beleza de Deus*. É uma beleza que só pode ser percebida e entendida conhecendo o sentido profundo da cruz que é o *amor*⁸.

No mesmo sentido, *Bruno Forte* fala da cruz onde Deus nega a sua própria beleza para nascer uma outra beleza que é a esperança de um mundo melhor, de uma vida nova: *o Reino de Deus*.

Ele afirma:

⁸ Cf. NARCISSE, Gilbert. *Le Christ en sa beauté*. Tome I. Magny-les-Hameux (France): Socéval Edition, 2005, p.159.

O niilismo, em suma, só se deixa contestar somente partindo de seu interior, somente das trevas da Sexta-Feira Santa, onde Deus sofre e morre por amor ao mundo, é possível proclamar a vitória da vida da beleza, porque aquela morte é a morte da morte. Exatamente aqui está a tragicidade que não se pode eliminar do conhecimento do belo: não se chega à luz senão através da cruz; não se entra na vida, senão conhecendo a morte ⁹.

Cristo é reflexo perfeito da beleza de Deus. Por ele, o mundo decaído pode recuperar a imagem da beleza do paraíso, projeto inicial de Deus para o mundo. “Todo aquele que nele acreditar, nele terá a vida eterna”(Jo 3, 14-15) e será reflexo da beleza divina.

1.2.2.2 Reflexo da beleza divina no ser humano

O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). No seu projeto como Criador, Deus quis que o homem fosse reflexo e sacramento da sua beleza e da sua bondade. É por isso que consciente disso, o *Catecismo da Igreja Católica*, que vê no corpo humano a manifestação da beleza divina, afirma: “A pureza de coração é a condição prévia da visão. Desde já nos concede ver segundo Deus[...]permite-nos perceber o corpo humano, o nosso e o do próximo, como um templo do Espírito Santo, uma manifestação da beleza divina”¹⁰.

Essa beleza, o homem pode chegar a perdê-la por causa do pecado; mas, mesmo assim, ele pode também recuperá-la em *Jesus Cristo* porque nele temos a vida nova, a vida eterna e a beleza divina. Jesus, convidando os seus discípulos a serem perfeitos como o Pai do céu é perfeito(Mt 5, 48), estava justamente convidando-os a deixar transparecer a beleza divina neles.

⁹ FORTE, Bruno. *A porta da beleza: por uma estética teológica*. Aparecida, São Paulo: Idéias e letras, 2006, p.69.

¹⁰ C I C 2519.

A beleza divina transparece no ser humano quando ele vive conforme a vontade de Deus, pondo em prática a palavra de Deus no amor ao próximo, na prática da justiça, no compromisso com o social..... É a *beleza da santidade*.

A *beleza da santidade* é a beleza que todo cristão deve sempre buscar. De fato, pelo nosso batismo a santidade está em nós e cabe a cada cristão vivê-la. Por isso *Jesus* concluiu o seu discurso sobre o amor perfeito com as palavras: “sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu”(Mt5,48), assim também, convidou os seus discípulos à Santidade que consiste em amar também os inimigos. *Paulo* fala também aos irmãos da comunidade de Coríntio a se purificarem de toda mancha do corpo e do espírito e levar a cabo a santificação no temor a Deus (2 Cor7.1). Por sua vez, no seu documento *Princeps Pastorum*, *João XXIII* insiste sobre a santidade na formação espiritual do clero. Ele disse:

É apenas necessário lembrar que uma educação sacerdotal perfeita deve ser antes de tudo dirigida à aquisição das virtudes próprias do santo estado, sendo este o primeiro dever do sacerdote, isto é, o dever de atender a própria santificação[....] Efetivamente, é especialmente pela santidade que o clero pode demonstrar que é luz e sal da terra (cf.Mt5,13-14), isto é, da sua própria nação e do todo o mundo, pode convencer da beleza e do poder do Evangelho, pode ensinar aos fiéis que a perfeição da vida cristã é uma meta à qual podem e devem tender com todo esforço e com perseverança todos os filhos de Deus, seja qual for a sua origem, o seu ambiente, a sua cultura e a sua civilização¹¹.

¹¹ JOÃO XXII. *Princeps pastorum*: Carta encíclica sobre as missões. Petrópolis: Vozes, 1960, 10.

Concluindo, a beleza da santidade pode ser vista como característica de uma vida marcada pelo cumprimento da vontade de Deus e pela fidelidade total ao seu projeto, deixando-se levar pelo Espírito Santo. É pela santidade de vida que se vê o reflexo da beleza de Deus na vida do ser humano. Numa pessoa com uma vida de santidade, podem-se notar alguns sinais como o amor ao próximo, a vida de oração, a caridade, a bondade, a paz, o amor ao trabalho e o compromisso com a justiça. É a vocação de todo cristão e cada um deve lutar para isso a fim de se tornar imagem e semelhança de Deus.

1.2.2.3 O reflexo da beleza divina no Cosmo

Retomando o livro de sabedoria: “Sim, porque a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por comparação, contemplar o Autor dela”(Sab 13,5); vemos que a beleza das criaturas faz, por analogia, contemplar o Criador. E o *Catecismo da Igreja Católica* afirma: “Deus fala ao homem por intermédio da criação visível. O cosmo material apresenta-se à inteligência do homem para que este leia nele os vestígios de seu criador”¹².

As duas afirmações citadas, tiradas do *livro da Sabedoria* e do *Catecismo da Igreja Católica* nos levam a acreditar que Deus, que é invisível, tem, porém, seus rastros no mundo que criou e na beleza das criaturas. A beleza contemplada no cosmo é reflexo da beleza divina e pela mesma beleza do cosmo podemos chegar ao conhecimento de Deus.

Francisco de Assis é exemplo de uma pessoa que notou a fala e os rastros de Deus na criação. Com efeito, extasiado pela beleza e a grandeza da criação, ele louvava a Deus pela obra da criação porque via nela a sua presença viva. O que o levou a viver a espiritualidade ecológica.

¹² CIC 1147.

1.2.2.4 Reflexo da beleza divina nas artes e objetos sacros

Pela sua inteligência e inspirado pela ação artística do Criador, o ser humano pode expressar a sua fé, a beleza, as verdades e as realidades divinas na beleza das artes, dos objetos sacros..... Esses são sacramentos porque representam realidades invisíveis e se tornam sua linguagem. E como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*: “a arte sacra é verdadeira e bela quando corresponde, por sua forma, à sua vocação própria: evocar e glorificar, na fé e na adoração, o Mistério transcendente de Deus, beleza excelsa e invisível de verdade e amor, revelada em Cristo”¹³. Assim, por estarem a serviço do culto, ação divina e humana bela por natureza, as artes e os objetos sacros são reflexos da beleza divina.

1.2.3 Definição da beleza do ponto de vista teológico

A *beleza do ponto de vista teológico* pode ser definida como característica de uma realidade sensível que, ao ser percebida pelos sentidos, julgada pela razão causa na pessoa efeitos como admiração, alegria e que, à luz da fé, pode levá-la a perceber realidades divinas além da beleza admirada. E isso faz da beleza do ponto de vista teológico, uma *via* do encontro entre o divino e o humano, porque por ela, o homem pode chegar até Deus. É como afirma *José Aldazábal*: “o belo vem de Deus e nos leva a Deus”¹⁴.

A percepção da beleza, do ponto de vista teológico, é um processo que começa pela percepção da beleza na sua realidade natural pelos sentidos e, em seguida passa a ser percebida na sua realidade sobrenatural pelos sentidos iluminados pela fé. A percepção do sobrenatural passa pelo natural.

¹³ CIC 2502.

¹⁴ ALDAZABAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005, p.193.

Embora seja preciso ter fé para a percepção da beleza divina, isso nem sempre acontece. Às vezes é a percepção da beleza que precede a fé. É o caso dos *sem Deus* que, tocados pela beleza da liturgia chegam a acreditar em Deus; encontram na beleza da liturgia, a Beleza divina.

Concluindo, a beleza, do ponto de vista teológico, nos leva a perceber a beleza das realidades sensíveis à luz da fé. Com olhos da fé, vemos a beleza divina na beleza estética e ética. A percepção da beleza divina passa pela beleza natural dos sinais sensíveis e pelos sentidos à luz da fé. Perceber algo supostamente dito beleza divina ou realidade divina a partir da beleza natural pode ser também algo puramente psicológico, que não tem nada a ver com a realidade ou beleza divina.

Deus é beleza por excelência e fonte de onde emana toda beleza. Esta beleza divina se faz reflexo em Jesus Cristo, no ser humano, no cosmo, nas artes e nos objetos sacros.

Tendo visto a beleza do ponto de vista filosófico e do ponto de vista teológico, vejamos a liturgia e a sua relação com a beleza.

2.A liturgia

Falaremos da liturgia em geral partindo da descrição do *Concilio Vaticano II*, e em particular abordando a questão da *criatividade* e da *inculturação*.

2.1 A liturgia em geral.

Ao longo da história da humanidade, Deus sempre foi ao encontro do seu povo para salvá-lo; e podemos perceber a intervenção divina em favor do povo eleito nas diferentes épocas.

Nos tempos antigos, muitas vezes e de muitos modos Deus falou aos antepassados por meio dos profetas (Hb1,1). Os tempos antigos foram um período profético, de anúncio e

preparação para a *plenitude dos tempos* que se realizou em *Jesus Cristo*. Foi ele que o Pai enviou para salvar o mundo; ele assumiu a missão entregando-se até à morte na cruz por amor a Deus e aos homens.

Sabendo que a sua missão tinha terminado, mas que o seu feito (anunciar o reino de Deus pela pregação e pelo exemplo de vida) deveria continuar, Jesus convidou um grupo de colaboradores: era a Igreja em gestação que nascera na cruz e se manifestara ao mundo no dia de Pentecostes.

A Igreja recebeu de *Jesus* o mandato de atualizar o que ele fizera na *Última Ceia* com os seus discípulos por essas palavras: “*fazei isto em memória de mim*”. Foi um gesto que simboliza a sua entrega. É o que *Paulo* nos lembra com as seguintes palavras: “todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha”(1Cor 11, 26).

Com a recomendação de Jesus, os primeiros cristãos entenderam que poderiam atualizar o mistério pascal e receber graças divinas. A partir daí, vive-se a liturgia como *momento histórico de salvação, momento da Igreja, momento do Espírito Santo* que veio recordar o que Jesus disse e ajudar a fazer o que Jesus fez. Esse momento histórico da salvação foi descrito pelo *Concílio Ecumênico Vaticano II* que declarou: “Realmente, nesta grandiosa obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua amadíssima esposa, que invoca seu Senhor, e por ele presta culto ao eterno Pai. Com razão, portanto, a liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza de modo próprio a cada um a santificação dos homens; nele o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral”¹⁵.

¹⁵ Sacrosanctum Concilium. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, 7.

Para uma melhor compreensão dessa descrição da liturgia, explicaremos os seus termos e expressões importantes: exercício da função sacerdotal, sinais sensíveis e santificação dos homens.

Exercício da função sacerdotal de Cristo:

Toda ação litúrgica é de Cristo, porque é ele que age e continua salvando os homens. Cristo é o único e principal Sacerdote e Vítima. Todavia, os batizados se tornam sacerdotes e vítimas por participação; sendo Cristo a cabeça deste *Corpo Místico* que é a Igreja. Então, pela ação litúrgica da Igreja, é Cristo que age, que salva e que santifica.

Os sinais sensíveis:

A ação litúrgica se realiza e só pode ser realizada pelos sinais sensíveis que, pela força do Espírito Santo e a fé simbolizam realidades transcendentais e divinas. O fato da liturgia se realizar só pelos sinais sensíveis e ações simbólicas faz dela toda, realidade simbólica e sacramental. Uma ação simbólica é um rito feito de gestos, sinais, palavras que é uma linguagem que representa e significa uma realidade invisível.

Santificação dos homens e louvor a Deus:

Na liturgia acontece o encontro de Deus e do homem. Com efeito, Deus se dirige ao homem lhe falando pela sua palavra, concedendo-lhe salvação por diferentes ritos. Com tudo isso, o homem vive o *Mistério Pascal*, é santificado, salvo e vive a comunhão com Deus. E também, o homem se dirige a Deus para louvá-lo e agradecer-lhe de várias maneiras: pelos hinos, pelas preces e pelas oferendas. Então, na liturgia, há dois movimentos que são sua razão de ser: um *descendente* que vai de Deus para homem e o outro *ascendente* que vai do homem para Deus.

Tendo visto a liturgia conforme foi descrita pelo *Concílio Vaticano II* e depois da explicação de alguns termos e expressões da descrição da liturgia, vejamos agora como a entendemos e a descrevemos.

Podemos descrever a *liturgia* como ação sagrada de um povo reunido com Cristo, sua cabeça, guiado pelo Espírito Santo, inspirada pela palavra de Deus proclamada e com sinais sensíveis como meios para atualizar o mistério pascal que é paixão, morte, ressurreição e glorificação de Jesus Cristo para a salvação e a santificação do mundo, e para a glória de Deus. A liturgia é fonte e cume da vida da Igreja; sem ela, a Igreja não teria vida. Por ela, Deus reúne seu povo, salva-o e faz dele uma só família. É um momento privilegiado em que a família cristã se destaca como Igreja, como povo convocado por Deus, pronto para responder a este apelo.

Assim como Deus salva e liberta o seu povo por seu Filho Jesus, a assembléia reunida, depois de ser fortalecida pelo banquete eucarístico se compromete, por sua vez, a dar testemunho de vida, lutando pela justiça, pela libertação do próximo, pela transformação do mundo para tornando-o mais justo e fraterno.

2.2 A liturgia em particular

Falaremos da liturgia como realidade criativa e da liturgia inculturada.

2.2.1 A liturgia como realidade criativa

Na celebração do *Mistério Pascal*, a liturgia não se restringe a uma única maneira de celebrar, mas dá liberdade e possibilidade de se criarem diversas formas e maneiras. Por isso, o *Concílio Vaticano II* declarou que a Igreja não deseja impor na liturgia uma rígida uniformidade

para aquelas coisas que não dizem respeito à fé ou ao bem de toda a comunidade; mas procura desenvolver as qualidades e dotes de espírito das raças e dos povos¹⁶. Isso faz da liturgia uma realidade criativa.

Na prática, vemos isso pela liberdade que uma *Conferência episcopal* tem de traduzir o missal romano para a língua local; pela liberdade de escolher as orações eucarísticas e as leituras, de fazer preces espontâneas e de inserir sinais não comuns em certas liturgias especiais; pela liberdade que uma diocese ou uma paróquia tem de fazer folhetos próprios que reflitam a sua própria realidade.

Uma tal liturgia só pode ser boa e bela para a assembléia porque a celebração reflete uma realidade, tem uma linguagem com qual os participantes se identificam e permite uma participação ativa. E como afirma *Gregório Lutz*, a criatividade é um verdadeiro valor, se ela estiver na linha da própria dinâmica da liturgia¹⁷.

Todavia, para que a criatividade seja benéfica para a liturgia, é preciso saber quais os elementos ou quais partes da liturgia que podem ser sujeitos à criatividade.

2.2.2 A liturgia inculturada

“A palavra se fez homem e habitou entre nós” (Jo1,14). Pelas palavras de *João* podemos perceber que, ao nascer, o *Filho de Deus* se inseriu na história dos homens; fez-se Judeu, assumiu uma cultura, partilhando as condições humanas menos o pecado, para poder melhor revelar o *Pai* que o enviou e fazer conhecer a sua vontade aos homens a quem ele foi enviado. Partindo daí, podemos entender o que é a *inculturação*. Com efeito, assim como *Jesus* se inseriu na história humana, “a comunicação do Evangelho também quer se inserir na história dos povos e pessoas a

¹⁶ SC 37.

¹⁷ LUTZ, Gregório. Criatividade na missa. In *Revista de liturgia*, n. 16, p.3-14, julho-agosto 1976, p.7.

que se destina, num diálogo respeitoso”¹⁸ para que esse evangelho seja facilmente entendido e assumido pelo povo da cultura evangelizada. Assim, por *inculturação*, entendemos como “uma íntima transformação dos valores culturais autênticos, graças à sua integração no cristianismo e ao enraizamento do cristianismo nas diversas culturas humanas”¹⁹. É um diálogo e intercâmbio entre a cultura e o Evangelho cujo benefício é para ambos os lados. Neste intercâmbio entre cultura e Evangelho, este expressa um certo respeito por aquela porque valoriza os seus elementos culturais e a convida a se purificar.

A liturgia, uma das dimensões importantes de evangelização é sujeito à inculturação. Assim, a *liturgia inculturada* pode ser definida como a incorporação na liturgia romana de elementos sociais ou religiosos das culturas locais (ritos, danças, gestos, música..) mas dando a eles um sentido cristão que está em harmonia com o sentido cultural²⁰. É o caso da liturgia romana inculturada na República Democrática do Congo, conhecida como *rito zaireense*. Entre vários elementos culturais incorporados na liturgia, há o “culto aos antepassados”. Com efeito, na *cultura bantu* do Congo, no início de uma assembléia, que reúne pessoas para qualquer evento, há o costume de se lembrar dos antepassados para que auxiliem os vivos em assembléia. No contexto de inculturação, este elemento foi incorporado na liturgia. Assim, no início da celebração litúrgica, há invocação dos santos que são agora os nossos antepassados na fé; é a eles que devemos pedir para interceder por nós. O elemento foi apenas revestido de sentido cristão, mas não perdeu a sua natureza de mediador, de auxiliador. É neste sentido que podemos entender a noção da inculturação.

¹⁸ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (2003-2006)*. São Paulo: Paulinas, 2003, 14.

¹⁹ JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*: carta encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991, 52.

²⁰ Cf. CNBB. *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989, 179.

2.3 A beleza da liturgia

A *beleza da liturgia* é característica de uma liturgia celebrada conforme as normas litúrgicas estabelecidas, e cuja beleza dos sinais sensíveis pode levar a assembléia a perceber uma outra beleza que não é mais sensível, mas divina e por ela chegar também à comunhão com Deus. A beleza da liturgia “é expressão excelsa da glória de Deus e, de certa forma, constitui o céu que desce à terra”²¹.

A liturgia é bela porque é divina e resulta da Beleza por excelência que é Deus e sem o qual ela não teria sentido. Com efeito, ao ser percebida, a Beleza é admirada, contemplada, adorada e leva ao louvor, à celebração. Daí nasce a liturgia que já é bela. Podemos afirmar que a beleza faz parte da sua natureza. É no mesmo sentido que o *Papa Bento XVI, na exortação apostólica Sacramentum Caritatis* afirma que “a beleza não é um fator decorativo da ação litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação”²².

Todavia, o fato de a beleza ser elemento constitutivo da ação litúrgica não significa que a busca por ela pode ser dispensada. Com efeito, Deus não precisa da beleza como meio para ir ao encontro do homem na liturgia. Mas o homem, por causa das suas imperfeições e limitações precisa da beleza como estímulo, como meio. Vimos também que a beleza divina se reflete no ser humano, no cosmo, na arte e nos objetos que são sinais que usamos na ação litúrgica, que é bela. É normal que deixemos transparecer nos sinais litúrgicos as realidades divinas que representam e a beleza divina que refletem. Tudo isso justifica a preocupação de embelezar por sinais sensíveis uma ação que já é bela por natureza.

²¹ BENTO XVI. *Sacramentum caritatis* : Exortação apostólica pós-sinodal do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fieis leigos sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007, 35.

²² *Ib.*

Mas a beleza da liturgia não significa esteticismo litúrgico que leva a assembléia a preocupar-se unicamente com a beleza dos sinais e dos ritos, sem olhar mais para a meta que deve ser alcançada, que é a comunhão com Deus.

3. Manifestação.

Por *manifestação* entende-se o fato de uma realidade invisível, uma realidade desconhecida se revelar, se expressar, se tornar pública e chegar a ser conhecida, percebida pelos sentidos. Revestida de sentido religioso, a *manifestação* é o fato de o transcendente ou uma realidade divina e invisível tornar-se visível e percebida pelos nossos sentidos nos sinais sensíveis, realidades do mundo sensível. É, no mesmo sentido, que *Joseph Lemarié*, falando da *epifania*, termo muito comum na linguagem greco-romana no século IV, define-a como *manifestação* da divindade ao homem ao qual traz felicidade, satisfação e outros benefícios.²³

A Bíblia fala de manifestações de Deus no Antigo tanto no Novo Testamento. Há diferentes exemplos como o do profeta *Isaias* que viu o *Senhor* sentado num trono com os *Serafins* (Isaias 6, 1-13); de *Elias* que teve encontro com *Javé* no alto da montanha (1Rs19,1-15); de *José* que foi avisado pelo *anjo de Senhor* que deveria salvar o *Menino Jesus* ameaçado de morte, de *Saulo* que encontrou *Jesus* no caminho para Damasco (At 9,1-19)... Na Bíblia, as manifestações divinas acontecem de diferentes maneiras: nos fenômenos naturais como vento, terremoto, fogo (1Rs 19, 11-13), no sonho (Mt 2, 19-23), na visão (At 9,3-5)....

Nos evangelhos, e de modo especial no de *João*, *Jesus*, pela sua atuação durante a vida terrestre (sinais operados, pregações feitas....) é apresentado como plena manifestação de Deus. E ele mesmo o confirma: “Quem me viu, viu o Pai”(Jo 14,9). Podemos afirmar com *Johan*

²³ LEMARIE, Joseph. *La manifestation du Seigneur*. Paris: les éditions du Cerf, 1957,p. 37.

Konings que “o discurso de João sobre Jesus-Messias é um discurso sobre Deus, manifestando-se na carne, na história. É Cristo-teologia: Deus é como ele se manifesta na carne de Jesus, o Messias: amor até o fim”²⁴.

Concluindo, Deus se manifesta ao longo da história da salvação de várias maneiras. Pelas manifestações, ele vai ao encontro do seu povo para iluminá-lo, guiá-lo e transmitir a sua vontade. Todavia, é preciso discernimento para saber de fato o que é manifestação de Deus e o que não é. O desequilíbrio mental pode levar a pessoa a perceber coisas que podem ser chamadas de realidades divinas, mas que são apenas produtos da própria mente.

No segundo capítulo mostraremos como Cristo, presente na celebração litúrgica, manifesta-se e pode ser percebido.

4. A presença real de Cristo na liturgia

Enviando os seus discípulos para a missão, Cristo prometeu a sua presença permanente no meio deles(cf. Mt 28, 15-20). É uma presença que se manifesta na Igreja e, de modo particular, na liturgia. Mas como ela se manifesta? De que maneira está presente? Estas são umas questões que foram objeto de grandes debates sobre o tema ao longo da história da Igreja.

A nossa tarefa, no presente item, é apenas de definir a *presença real de Cristo na liturgia*. Para termos uma idéia mais ampla sobre o tema “Presença real de Cristo na liturgia”, será necessário falar brevemente do assunto, conforme ele é entendido na *Bíblia, na história da Igreja e no Concílio Vaticano II*. No fim, diremos o que entendemos por presença real de Cristo na liturgia.

²⁴ KONINGS, Johan. A memória de Jesus e a manifestação do Pai no quarto evangelho. In: *Perspectiva teológica*, n. 51, Maio-agosto 1988, p.177-200, p. 199.

4.1 A presença real de Cristo na liturgia, conforme a Bíblia

Através de vários textos, a Bíblia fala da presença real de Cristo na liturgia e os seus diferentes modos de presença. Eis alguns desses textos:

Mt 18, 15-20

Se o teu irmão pecar, vá e mostre o erro dele, mas em particular, só entre vocês dois. Se ele der ouvidos, você terá ganho o seu irmão. Se ele não lhe der ouvidos, tome com você mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão seja decidida sob a palavra de duas ou três testemunhas. Caso ele não dê ouvidos, comunique à Igreja. Se nem mesmo à Igreja ele der ouvidos, seja tratado como se fosse um pagão ou um cobrador de impostos. Eu lhes garanto: tudo o que vocês ligarem na terra, será ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra será desligado no céu. E lhes digo ainda mais: se dois de vocês na terra estiverem de acordo sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhe será concedida por meu Pai que está no céu. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles”(Mt 18,15-20).

Diante da divisão que um pecado pode causar numa comunidade, Jesus a convida a tomar a iniciativa de ir ao encontro do ofensor para a reconciliação: a comunidade oferecendo o perdão, e o ofensor reconhecendo a sua culpa. O acordo dos membros da comunidade, mesmo que eles sejam a dois, será confirmado também por Deus. Essa reconciliação e acordo são sinais da presença de Deus, de Cristo.

Esse texto encontra-se num contexto litúrgico e fala de pessoas reunidas em nome de Cristo e que se reconciliam (celebração penitencial). Cristo se faz presente na comunidade reunida em seu nome; onde se ora, há perdão e reconciliação. Nesse sentido, a comunidade torna-se um *modo de presença real de Cristo*.

Mt 28, 18-20:

Toda a autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estarei com vocês todos os dias até o fim do mundo.

É Cristo glorioso que fala com autoridade, mandando os seus discípulos para a missão. É ele mesmo o mestre da missão; não os deixa sozinhos, mas promete estar presente no meio deles, guiando-os e assistindo-os. Podemos afirmar com *Juan Mateos* que a “nova fase de Jesus é promessa que visa sobretudo a missão. Não ficarão sozinhos nela, Jesus os acompanhará em seu trabalho(cf. At1,13). Assim se cumprirá o conteúdo de seu nome, Emanuel ‘Deus entre nós’”²⁵.

O texto não fala de um contexto explicitamente litúrgico, mas a certeza que se tem é que as duas realidades (liturgia e missão) são interdependentes. Com efeito, as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2003-2006)* falam do ministério litúrgico como uma das responsabilidades da evangelização²⁶. A liturgia é uma dimensão importante da missão, não há missão sem liturgia.

Os discípulos em missão é um modo de presença real de Cristo porque trabalham, agem em seu nome e é ele mesmo que os anima e os acompanha. E Cristo se manifesta quando os discípulos em missão celebram o *Mistério Pascal* porque agem in *persona Christi*.

João1,1-14.

“A palavra estava voltada para Deus, e a palavra era Deus”(Jo 1,1); “e a palavra se fez homem e habitou entre nós”(Jo,1,14).

²⁵ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Evangelho de Mateus: Leitura comentada*. São Paulo: Paulinas, 1993, p.327.

²⁶ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (2003-2006)*, 19.

João apresenta Jesus, Palavra de Deus feita carne. No princípio, a Palavra estava apenas em Deus, mas por Jesus Cristo, Deus a fez perceber no meio dos homens. Jesus é a palavra viva do Pai, Palavra eterna encarnada. Assim sendo, Jesus está presente na palavra de Deus proclamada e este é modo de presença real de Cristo. Cada vez que ela é lida ou proclamada na liturgia, é o próprio Jesus Cristo que fala, que é ouvido.

1 Cor 11, 23-26 e Jo 6,35-66.

De fato, eu recebi pessoalmente do Senhor aquilo que transmiti para vocês: Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: “Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim”. Do mesmo modo, após a Ceia, tomou também o cálice, dizendo: “Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que vocês beberem dele, façam isso em memória de mim”. Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor até que ele venha. (1Cor 11,23-26).

Paulo fala da origem e da instituição da Eucaristia à comunidade de Coríntio, repetindo as palavras que Jesus pronunciou na Última Ceia. Na consagração, o pão e o vinho se tornam corpo e sangue de Cristo, e Cristo está realmente presente neles porque é isso que ele disse: “*Isto é o meu corpo que é para vocês.... este cálice é a nova aliança no meu sangue*”. As espécies do pão e do vinho consagrados são modos de presença real de Cristo.

Para confirmar que o que Jesus falou é isso mesmo que ele queria: “o pão e o vinho consagrados, ser corpo e sangue dele”, o seu discurso sobre o pão da vida em Jo 6,35-66 dá mais esclarecimentos. Ele disse: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,54). A carne e o sangue do que trata-se aqui são o pão e o

vinho consagrados. São verdadeiros corpo e sangue de Cristo; e os discípulos entenderam essas palavras corretamente num sentido literal, do jeito que Jesus queria. Caso contrário, ele mesmo Jesus teria explicado para que entendessem melhor o que queria dizer. *Dannemiller* confirma a mesma coisa dizendo: “se Jesus absteve-se de corrigir os Judeus, foi porque não havia absolutamente nenhuma necessidade ou nenhuma razão para agir assim. Repetimos, portanto, que aqueles judeus devem tê-lo entendido corretamente”²⁷.

O discurso de Jesus sobre o pão de vida em João 6 é mais uma prova que mostra que a sua intenção nas palavras que pronunciou na Última Ceia é de marcar a sua presença no pão e vinho consagrados, e é a sua presença que acontecerá cada vez que os discípulos fizerem o que ele recomendou: “*façam isso em memória de mim*”.

Os textos bíblicos apresentados dão uma idéia sobre a presença real de Cristo na liturgia conforme a Bíblia. Essa presença é a manifestação de Cristo aos discípulos e aos que acreditaram nele, a forma como ele foi visto e percebido pelos seus contemporâneos. Ela se fez de vários modos: pela palavra de Deus proclamada, pela comunidade reunida em seu nome, pelos seus discípulos em missão, pelo pão e vinho consagrados.

4.2 A presença real de Cristo na liturgia documentada

ao longo da história da Igreja

Lendo os testemunhos dos Padres da Igreja, é possível ter hoje uma idéia sobre a fé na presença real de Cristo nos quatro primeiros séculos. Com efeito, os Padres da Igreja elaboraram uma teologia sobre a Eucaristia onde se percebe a sua fé na presença real de Cristo na liturgia.

²⁷ DANNEMILLER, Lawrence. A profecia e a promessa da Presença Real de Cristo na Eucaristia. In: *Revista da cultura bíblica*. V.3, n.11, p.120-126, 1959, p.4.

Vamos apresentar apenas os testemunhos *de São Justino e Santo Agostinho*, Padres da Igreja dessa época.

No seu diálogo com *Trifão*, *São Justino* afirma que o pão e o vinho, que são alimentos comuns, se tornam corpo e sangue de Cristo após consagração.

De fato, não tomamos essas coisas como pão comum ou bebida ordinária, mas da maneira como Jesus Cristo nosso Salvador, feito carne por força do Verbo de Deus, teve carne e sangue por nossa salvação, assim nos ensinou que, por virtude da oração ao verbo que procede de Deus, o alimento sobre o qual foi dita a ação de graças - alimento com o qual, por transformação, se nutrem nosso sangue e nossa carne - é a carne e o sangue daquele mesmo Jesus encarnado²⁸.

Por sua vez, *Santo Agostinho*, comentando as palavras de Jesus “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue vive em mim e eu vivo nele”(Jo6,56) disse:

Tomar aquela comida e aquela bebida, é permanecer em Cristo, é possuir Cristo que permanece no que recebe aquele alimento. Quem não permanece em Cristo, é indubitável que não come espiritualmente a sua carne, nem bebe o seu sangue, embora tritura com os dentes, dum modo carnal e visível, as espécies sacramentais, sob as quais se encontra o corpo e o sangue de Cristo²⁹.

No seu comentário, *Agostinho* fala da presença de Cristo naqueles que comunga com o seu corpo e seu sangue. E o comer e beber desta comida e bebida implica que a pessoa deve permanecer em Cristo e com isso ela vai comer e beber espiritualmente a carne e o sangue de Cristo.

²⁸ Justino de Roma. Apologia I, 66 In: Justino de Roma I e II Apologias: *diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.

²⁹ AMADO, Augusto Rodrigues. *Evangelho de São João comentado por Santo Agostinho*. Vol. II. Coimbra, 1945, 18.

Embora tendo apresentado apenas dois testemunhos dos Padres da Igreja sobre a Eucaristia, é possível ter uma idéia sobre a fé que eles tinham na presença real de Cristo na liturgia, naquela época. Eles tinham consciência de que Cristo estava realmente presente na liturgia, na eucaristia. Mas era um mistério, uma questão de fé. *López Martins* mostra como se explicava a presença real de Cristo naquela época, no mesmo sentido, afirmando:

Na época *apostólica e patrística* acentuava-se muito o aspecto eclesial da união com Cristo e a comunicação de seus dons. A presença do Senhor era uma verdade profundamente vivida em todas as suas dimensões, não sendo necessário que se tornasse objeto de reflexão teológica particular ou de ensinamento explícito. Bastava a própria vida litúrgica para transmitir e tornar real a consciência da ação de Cristo na comunidade cristã através da Palavra, dos sacramentos, da oração e, sobretudo, da eucaristia, tanto na pessoa do ministro como nos dons ou espécies sacramentais³⁰.

Os séculos seguintes são marcados por controvérsias eucarísticas. Tudo começa com as posturas de dois monges: *Radberto* e *Ratramno*. O primeiro insistia mais na presença *fisicista* e o segundo, na presença *espiritualista* de Cristo na liturgia. A presença *fisicista* consiste numa “identidade real entre o corpo eucarístico de Cristo e seu corpo histórico, sem dar importância à finalidade dinâmica ou simbólico-eclesial do sacramento, mas sim ao fato da presença do Cristo histórico na Eucaristia”³¹. A presença *espiritualista*, defendida por *Ratramno*, consistia no fato de que “o corpo eucarístico de Cristo não pode ser idêntico ao histórico e sua presença deve ser antes entendida num sentido simbólico e espiritual”³².

³⁰ LÓPEZ MARTIN, Julián. *No espírito e na verdade: Introdução teológica à liturgia*. V.1. Petrópolis: Vozes, 1996, p.112.

³¹ ALDAZÁBAL, José. *A eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 183.

³² *Ib.* p.183.

No século XI, *Berengário de Tours* seguiu a posição de *Retramno* e interpretou erradamente os escritos dos Padres da Igreja, que segundo eles, realidade e símbolo têm o mesmo sentido e isso o levou a cair num simbolismo vazio e a negar a presença real de Cristo na Eucaristia. A respeito desta negação, *Aldazábal* afirma:

O simbolismo de Berengário, explicando a presença de Cristo em chave de figura espiritual ou virtual, principalmente em sua obra *De sacra coena*, interpretou-se como negação da presença real eucarística: o pão e o vinho não se convertem realmente no corpo e sangue de Cristo, mas só em figura ou semelhança. Todas as passagens dos Padres que falam de figura ou símbolo, em relação com a Eucaristia, ele as lia em seu sentido literal, mas já não de acordo com o conteúdo que os termos tinham na era patrística. No século XI, dizer “símbolo” era dizer precisamente o contrário de “realidade”³³.

A essa posição de *Berengário*, a Igreja reagiu no *Concílio romano de 1079* e o obrigou a crer que o pão e o vinho se convertem substancialmente no corpo e sangue de Cristo após a consagração. Nessa profissão de fé, ele disse:

Eu, Berengário, creio de coração e confesso de boca que o pão e o vinho que estão no altar, pelo mistério da oração santa e pelas palavras de nosso Redentor, são mudados substancialmente na carne verdadeira, própria e vivificante, e no sangue de nosso Senhor Jesus Cristo e que, após a consagração, eles são o verdadeiro corpo de Cristo, que nasceu da Virgem, que, oferecido pela salvação do mundo, foi suspenso na cruz, que se encontra à direita do Pai, assim como verdadeiro sangue de Cristo que escorreu de seu lado. Ele não está somente de

³³ Ib. p. 184.

modo figurado e pela virtude do sacramento, mas em sua natureza própria e em sua verdadeira substância, como esta breve exposição o contém, como eu li para vocês e como vocês o compreendem. Assim creio e daqui em diante não ensinarei contra esta fé. Assim Deus me ajude e estes santos evangelhos de Deus

34

Apesar da reação da Igreja, o pensamento de *Berengário* sobre a doutrina eucarística sobreviveu nos reformadores. Para termos uma idéia, citamos apenas o exemplo de *Calvino* que nega a presença real de Cristo na Eucaristia, partindo da sua teologia sobre a ascensão. *Giraud* fala desta negação dizendo que “ele acentua em Cristo a sua humanidade que agora subiu à glória na ascensão e está à direita do Pai, e, portanto, não pode estar ao mesmo tempo em outros lugares”³⁵.

A Igreja, pelo *Concílio de Trento* (1545-1563) reagiu à declaração de *Calvino* e a condenou reafirmando esta presença real de Cristo no pão e no vinho após a consagração. Na sua reafirmação, a Igreja disse: “Primeiramente ensina o santo Concílio[...]que no augusto sacramento da Eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, está contido verdadeira, real e substancialmente nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e homem, sob a aparência daquelas coisas sensíveis”³⁶.

A conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo se faz pela *transubstanciação* que é uma mudança de *substância*. Mas é importante notar o sentido do conceito substância neste contexto. Neste contexto, *substância* é entendida como o que há de *essencial* numa coisa, num ser. *Rey-Mermet* afirma a mesma coisa dizendo: “Na teologia do século XII, naquela do Concílio de Trento, como no francês do XIV ao XX séculos, ‘substância’

³⁴ DS 700.

³⁵ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: Tratado mistagógica sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, p.202.

³⁶ Cf DS 1636.

significa o que há de essencial numa coisa ou numa idéia, a realidade profunda de um ser, além das aparências”³⁷. Assim, para os cristãos, o que há de essencial nas espécies do pão e vinho é o corpo e sangue de Cristo porque ele mesmo falou: “isto é o meu corpo e este é o meu sangue”. Todavia, analisando os elementos químicos do pão e vinho consagrados, são os mesmos antes e depois da consagração porque é a substância que muda; não mudam os acidentes.

4.3 A presença real de Cristo no Concílio Vaticano II

No *Concílio Vaticano II*, o tema *presença real de Cristo na liturgia* foi tratado e se encontra nos documentos conciliares *Sacrosanctum concilium*, *Lumen Gentium* e *Ad Gentes*. Para termos uma idéia sobre a presença real de *Cristo no Vaticano II e na Igreja* hoje, vamos apresentar apenas o documento conciliar *Sacrosanctum Concilium*, a carta encíclica *Mysterium Fidei* de Paulo VI, e as reflexões de Kasper e Danneels sobre o tema.

O *Concílio Vaticano II* acredita que

para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz, como sobretudo nas espécies eucarísticas. Ele está presente pela sua virtude nos sacramentos, de tal modo que quando alguém batiza, é o próprio Cristo quem batiza. Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se lêem as Sagradas escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: “onde

³⁷ REY-MERMET, Théodule. *Croire: vivre sa foi dans les sacraments*. 5 ed. Limoges: Droguet et Ardant, 1977, p. 197.

se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou no meio deles”(Mt 18, 20)³⁸.

Este texto apresenta os diferentes modos segundo os quais Cristo está presente durante a celebração litúrgica. Está presente no ministro, no pão e vinho consagrados, na palavra de Deus proclamada e na assembléia litúrgica.

Na sua carta encíclica *Mysterium Fidei*, Paulo VI chama a atenção da Igreja sobre alguns erros e heresias do passado acerca do mistério eucarístico e aborda o tema da presença real de Cristo na liturgia no mesmo sentido que o *Concílio Vaticano II*. Ele cita os diferentes modos de presença real de Cristo:

Cristo está presente em sua Igreja quando ela ora porque é ele que roga em nós, ele roga por nós e é rogado por nós como Deus. Ele prometeu também estar presente onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome.

Está presente em sua Igreja, quando ela pratica obra de caridade porque ele se identifica às pessoas a quem é feita a caridade e à própria Igreja que pratica a caridade. Está presente em sua Igreja pela fé dos fiéis que caminham rumo à vida eterna.

Está presente em sua Igreja quando ela prega a Palavra de Deus em nome de Jesus Cristo, Verbo de Deus Encarnado. Está presente em sua Igreja enquanto ela dirige e governa o povo de Deus, poder que recebe dele mesmo Cristo, seu Pastor e sua Cabeça.

Está presente em sua Igreja enquanto, em nome de Cristo, ela celebra o sacrifício da missa e administra outros sacramentos.

Está presente na sua Igreja pelo sacramento da eucaristia que é destacada como sendo a perfeição da vida espiritual e o fim de todos os sacramentos³⁹.

³⁸ SC 7

Este documento mostra, de uma maneira mais detalhada, os diferentes modos de presença real de Cristo na sua Igreja. O Cristo apresentado é um Cristo que se encontra na Igreja Orante, comunhão dos fiéis, caridosa, pobre, anunciadora da Palavra de Deus, Pastor, Profeta, Sacerdote, Rei e Igreja sacramental. Dos sacramentos administrados, a Eucaristia é destacada porque Cristo está presente ao vivo no pão e vinho. Após consagração, acontece mudança de substância pela transubstanciação; o pão e o vinho se convertem na substância do corpo e sangue de Cristo. É uma presença especial, que não se encontra nos outros modos, porque não tem mudança de substância.

Kasper e Danneels apresentam a posição da Igreja sobre a presença real de Cristo dando o significado de “isto é o meu corpo e este é o meu corpo”. *Kasper* explica essas palavras dando-lhes o sentido bíblico. Ele disse:

Tudo o que se pode apalpar, ver e degustar externamente é pão e vinho; mas quando cremos na palavra de Jesus sabemos que pela ação do Espírito Santo a verdadeira realidade, não captada por nossos sentidos [...], não é mais pão e vinho, mas corpo e sangue de Cristo, o que quer dizer, no sentido bíblico : Jesus em sua autodoação a nós. As formas sensorialmente perceptíveis do pão e do vinho tornam-se assim sinais atuais plenos de realidade e símbolos de uma nova realidade, ou seja, do Senhor ressuscitado e glorificado. Nesse sentido sacramental é que devem ser entendidas as palavras de Jesus, “isto é o meu corpo”, e “isto é meu sangue”, e nesse sentido sacramental é que falamos da presença real de Cristo sob os símbolos do pão e do vinho⁴⁰.

³⁹ Cf PAULUS VI. *Mysterium Fidei*. Carta encíclica sobre o culto de sagrada eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1965, 35-41.

⁴⁰ KASPER, Walter. *O sacramento da unidade: Eucaristia e Igreja*. São Paulo: Loyola, 2006, p.46.

Por sua vez *Danneels* afirma que “a Igreja compreende essa palavra com um realismo que não permite nenhuma redução: não é um simples símbolo vazio, uma espécie de recordação puramente mental. A ‘memória de Jesus’ não é mental, mas real, a tal ponto que torna verdadeiramente presente a realidade simbolizada pela palavra”⁴¹.

A posição da Igreja sobre a presença real de Cristo conforme nos apresenta o próprio *Concílio Vaticano II*, os diferentes documentos e teólogos mostra que a presença real de Cristo é uma presença real de Cristo na Igreja e na liturgia por diferentes modos, mas, nas espécies consagradas é uma presença especial.

4.4 Definição da presença real de Cristo na liturgia.

A *presença real de Cristo na liturgia* é Cristo presente nos sinais litúrgicos e pode ser percebido pelos sentidos à luz da fé. Assim, Cristo pode ser visto, ouvido, tocado e contemplado. Esta presença tem como fundamento as Sagradas Escrituras, e sobretudo as palavras do próprio Jesus. Ele está presente na liturgia de vários modos: na Palavra de Deus proclamada, no sacerdote que preside a celebração, nos concelebrantes, nos leitores, nos cantores, na assembléia, nos sacramentos, nas espécies consagradas.....

Todos os diferentes modos de presença são importantes porque são maneiras de presença de uma mesma realidade, que é Cristo. São também interligados entre eles como afirma *López Martin* dizendo: “cada modo ou grau de presença do Senhor na liturgia mantém ligação com os demais embora dentro de sua peculiaridade específica”⁴². Cada modo tem a sua missão ou apresenta Cristo do seu jeito. Com efeito, o Cristo presente no presidente da celebração se

⁴¹ DANNEELS, Godfried. A eucaristia, mistério de nossa fé, dom de Cristo à sua Igreja. In: BROURD, Maurice. *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. São Paulo: Paulus, p.11-16, 2006, p.13.

⁴² LÓPEZ MARTIN, Julián. *No espírito e na verdade: Introdução teológica à liturgia*, v.1. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 129.

apresenta como *sacerdote* que oferece e se oferece; o Cristo presente na Palavra de Deus proclamada ensina, instrui a assembléia. A respeito deste Cristo presente na Palavra de Deus proclamada, o *Concílio Vaticano II* ensina: “na liturgia Deus fala ao seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho”⁴³. O Cristo presente na assembléia canta, louva e reza. E o Cristo presente nas espécies consagradas se oferece como alimento da assembléia para a vida eterna. Este modo de presença real de Cristo é o cume e o mais importante de todos. Com efeito, além de simbolizar Cristo, o pão e o vinho consagrados são o próprio corpo e sangue de Cristo. Fato acontecido pela *mudança de substância*.

Esses diferentes modos de presença de Cristo são todos *reais* porque Cristo está realmente presente aí. Mas é uma presença que, mesmo passando por sinais sensíveis não é física, nem natural. É uma presença sacramental que para ser percebida precisa de *sentidos de fé*. Só quem olha com olhos de fé vai ver no presidente da assembléia litúrgica, no pão e vinho consagrados, na assembléia litúrgica Cristo presente e só quem escuta com ouvidos da fé vai ouvir no leitor, na assembléia que canta, o próprio Cristo falando e cantando.

Durante a celebração litúrgica, Cristo está realmente presente e a assembléia pode chegar a perceber essa presença nos seus diferentes modos. Quanto a saber como se faz a manifestação e como percebê-la, o próximo capítulo o mostrará.

⁴³ SC 33.

Conclusão

Ao longo deste primeiro capítulo, definimos e explicamos os conceitos que compõem o título do tema da dissertação e isso nos levou a entender o tema.

A beleza do ponto de vista filosófico nos levou a perceber a beleza das coisas sensíveis vista no seu estado natural. É uma beleza entendida do jeito que ela é percebida no mundo sensível, a partir dos nossos sentidos.

Do ponto de vista teológico, vimos que Deus é a Beleza por excelência e a Fonte de toda beleza. É uma Beleza percebida além da beleza que está nas realidades sensíveis. O ponto de vista teológico nos levou a ver também na beleza uma via do encontro do divino com o humano.

Da beleza, passamos à descrição da liturgia. Esta foi descrita como ação de Cristo e da Igreja por sinais sensíveis para a celebração do mistério pascal, a comunhão com Deus, a salvação, a santificação e o louvor a Deus. Ela é uma ação divinamente bela; mesmo assim, há necessidade de usar os sinais litúrgicos esteticamente e eticamente belos para facilitar o acesso às realidades divinas. E a beleza de uma liturgia é característica de uma liturgia, cujo ambiente pode despertar emoções espirituais na assembléia e oferecer condições ideais para a comunhão com Deus.

Em seguida, falamos brevemente da manifestação que é fato de uma realidade divina e invisível se revelar, se expressar e se tornar perceptível no mundo sensível.

Por fim, falamos da Presença real de Cristo na liturgia, que é Cristo presente na liturgia nos sinais sensíveis, podendo ser percebido pelos sentidos à luz da fé. É uma presença sacramental que se percebe nas espécies consagradas, na palavra de Deus proclamada, no ministro que preside, na assembléia.....

Capítulo II

A MANIFESTAÇÃO DA PRESENÇA REAL DE CRISTO NA BELEZA DA LITURGIA ENQUANTO REALIDADE SACRAMENTAL

Introdução

Este capítulo vai mostrar como os participantes da celebração litúrgica podem fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo pela beleza da liturgia. É uma demonstração que será feita em diferentes etapas:

- apresentar a beleza nas suas duas diferentes formas dentro da liturgia;
- falar dos sentidos do corpo humano e do papel deles na liturgia;
- mostrar os efeitos que a beleza da liturgia causa nos participantes da celebração;
- e enfim falar da experiência da manifestação da presença real de Cristo na liturgia .

No primeiro item que trata da beleza em suas duas diferentes formas, abordaremos a beleza estética e a beleza da santidade e a função das mesmas na ação litúrgica.

No segundo item, apresentaremos os diferentes sentidos do corpo humano, mostrando o papel de cada um dentro da liturgia tendo como fundamento as Sagradas Escrituras.

No terceiro item, trataremos dos efeitos causados pela beleza da liturgia nos participantes da celebração, uma vez captada pelos diferentes sentidos do corpo humano. Enumeraremos apenas os que são causados na participação litúrgica externa.

No quarto item, falaremos da experiência da manifestação da presença real de Cristo na beleza da liturgia. Explicaremos, primeiramente, a sacramentalidade para ajudar a entender como

isso pode ser possível, através dos sinais e dos sacramentos. Apresentaremos também a prova da experiência da manifestação da presença real de Cristo.

1. As duas formas de beleza na liturgia

A liturgia é naturalmente bela, de origem divina. O que preocupa liturgos e liturgistas é a beleza dos sinais sensíveis nas suas diferentes formas, isto é, a *beleza estética* e a *beleza da santidade*. As duas formas contribuem para a beleza geral da liturgia.

A primeira forma, a beleza estética obedece às normas e aos padrões que permitem que as realidades sensíveis sejam bem apresentadas na liturgia e criam um ambiente agradável que permita uma boa participação dos fiéis.

A segunda forma, a beleza da santidade faz dos participantes da celebração sinais sensíveis agradáveis e admiráveis pelo seu testemunho de vida, servindo de modelo para outras pessoas. Se esta forma de beleza é importante para todos os participantes da celebração, ela é mais exigida do presidente da celebração que celebra *in Persona Christi*, isto é, no lugar de Cristo. Por isso, ele deve ser o reflexo do que representa. Falando da responsabilidade do Presidente da celebração, *Aldazábal* disse: “Ele é o Sinal de Cristo, o ‘sacramento’ que visibiliza o verdadeiro Sacerdote e Presidente de toda a assembléia cristã”⁴⁴. Por isso, a responsabilidade do Presidente da celebração é muito grande. A coerência da sua conduta com os mistérios celebrados faz a sua beleza de santidade e, conseqüentemente, faz dele um sinal que agrada, que atrai; as pessoas vão acreditar mais porque o presidente vive o que celebra, dá testemunho de vida. É ao mesmo testemunho de vida que *Paulo VI* convida a Igreja na missão evangelizadora, no documento *Evangelii Nuntiandi*. Ele disse:

O mundo reclama e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequenos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem esta marca de

⁴⁴ ALDAZABAL, José. *Gestos e símbolos*. Op.cit. p.31.

santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda⁴⁵.

Na liturgia, a presença agradável da beleza nas duas formas facilita aos participantes da celebração alcançarem o objetivo da liturgia. A preocupação pela beleza é também um sinal de respeito a Deus. Com efeito, o homem religioso tem consciência de que o culto não é qualquer ação, mas algo que envolve o homem e Deus, *Ser Supremo* a quem se deve louvor, respeito. Para mostrar o respeito, o homem vai procurar cuidar dos ritos, fazer belas as ações simbólicas pelas quais Deus se manifesta e pelas quais ele também vai ao encontro do divino. Não é um critério suficiente para medir a fé, porém é um sinal exterior que pode mostrar fé em Deus e consideração pela liturgia. É no mesmo sentido que, justificando a necessidade da beleza, *Aldazábal* afirma: “Na se trata de fazer ostentação de riqueza, mas mostrar, pela própria maneira exterior de agir, o apreço em que é tido o que celebramos”⁴⁶.

De modo geral, o homem religioso está consciente da função da beleza na liturgia, seja para facilitar a comunhão com Deus, seja em sinal de respeito e, às vezes, até de forma muito humilde, ele tem sempre o desejo de fazer bem as ações cultuais.

Tendo visto a beleza na liturgia com as suas diferentes formas, vejamos agora o papel dos sentidos na liturgia.

⁴⁵ Evangelii Nuntiandi. In *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997, 76.

⁴⁶ ALDAZABAL, José. *Gestos e símbolos*. Op. cit. p.47.

2 O papel dos sentidos na liturgia

O ser humano não é uma ilha, mas vive numa sociedade e é obrigado a se comunicar com os demais. Para tanto, precisa conhecer a sociedade onde vive e tudo que nela acontece. Para isso, o seu próprio corpo é um meio de comunicação e de expressão de sentimentos e desejos do homem interior. É neste sentido que *Corazza* afirma: “A comunicação corporal é a expressão que surge do interior do ser humano e se manifesta pelos sentidos e membros. Coloca para fora, exterioriza todo o entusiasmo e dinamismo interior”⁴⁷. Com efeito, pelo olhar e pela postura, o ser humano pode transmitir uma mensagem a qual é possível ser percebida.

Na liturgia, o ser humano é convidado a participar ativamente com todo o seu ser, colocando ao serviço litúrgico todo seu corpo com os seus diferentes sentidos. Para entender a participação e a ação do homem, o seu corpo e os seus diferentes sentidos precisam ser conhecidos, bem como o papel de cada um deles na liturgia.

A *audição* é destacada na Bíblia porque por ela é captada a palavra de Deus. Ele mesmo, Deus, nos convida a ouvir: “Este é meu filho amado. Escutem o que ele diz”(Mc9,7). Deus também escuta pelo ouvido: “Eu amo o Senhor, porque ele ouve minha voz suplicante; ele inclina seu ouvido para mim no dia em que o invoco”(Sl 116,1-2). Na liturgia, ela permite à assembléia ouvir a Palavra de Deus proclamada e tudo que é dito durante toda a celebração. A importância da audição é tão grande que o ser humano precisa geralmente dela para aderir à fé cristã. Na sua carta aos Romanos, *Paulo* disse: “A fé depende, portanto, da pregação, e a pregação é o anúncio da palavra de Jesus Cristo. Agora, eu pergunto: será que eles ouviram? Ao contrário, pela terra inteira correu a voz deles e suas palavras foram até os confins do mundo” (Rm 10,17-18).

⁴⁷ CORAZZA, Helena. *Comunicação e liturgia na comunidade e mídia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p.26.

Este texto nos mostra mais uma vez o papel da audição. Com efeito, para acreditar em Deus, para se aderir à fé cristã é preciso ouvir o anúncio, a pregação. Em Rm 10, 14, o mesmo *Paulo* faz a pergunta: “como poderão acreditar se não ouvirem falar dele?”.

A *visão* é um sentido fundamental na vida de qualquer ser humano. Na Bíblia, a sua importância se percebe pelas curas que Jesus realizou aos cegos. Saindo de Jericó com seus discípulos, Jesus curou dois cegos sentados à beira do caminho, tocando-lhes os olhos (Mt 20, 29-34); curou um cego de nascença, cuspidando no chão e com a saliva fazendo o barro com o qual ungiu os olhos do cego (Jo 9, 1-7). Na liturgia, ela permite à assembléia ver os sinais e tudo que ocorre durante a celebração. Ela é também um meio que permite expressar sentimentos. Com efeito, o olhar da assembléia para as espécies consagradas durante a elevação significa encanto, respeito, adoração; o olhar entre participantes da celebração durante o abraço da paz é um olhar de amor; o olhar do presidente da celebração para a assembléia é um olhar de *Cristo- Pastor* ao seu rebanho.

O *paladar* permite à pessoa saborear o alimento e conhecer o seu gosto. Na liturgia, ele é destacado na Eucaristia, sacramento central. Com efeito, a assembléia pode saborear o pão e o vinho consagrados, corpo e sangue de Cristo porque por eles, Cristo quis se dar para nós como alimento para a vida eterna. Ele disse: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá fome, e quem acredita em mim nunca mais terá sede” (Jo 6, 35) ; “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 56).

O *olfato* permite sentir o cheiro. O incenso, as flores e o perfume são alguns dos sinais cheirosos usados na liturgia os quais podem significar a presença de realidades divinas, teofania. Por isso, *Zacarias* entrou no santuário, lugar sagrado e de manifestação divina para queimar o incenso(Lc1,9). Nos momentos como os da proclamação da palavra de Deus e da consagração há incensação para simbolizar a manifestação da presença divina. Pode significar também conhecimento de Cristo se espalhando como um perfume entre os homens(2 Cor 2, 14-17).

O *tato* permite à pessoa tocar. Muitos milagres feitos por Jesus, sobretudo as curas de enfermos e a ressurreição dos mortos foram acompanhados de um toque no corpo da pessoa. É o que aconteceu quando curou um leproso (Mt 8,1-4), quando ressuscitou um filho único na entrada da cidade de *Naim*(Lc7, 11-16), quando curou dois cegos(Mt 9, 27-31). Na liturgia, ele tem também papéis muito importantes. *Aldazábal* enumera os seus diferentes papéis durante a celebração litúrgica: “o contato com a água batismal, a unção, o receber a comunhão na mão ou na boca, o impor as mãos sobre o que se abençoa ou se consagra, o abraçar-se ou dar-se a mão no gesto da paz”⁴⁸.

Como podemos perceber, os sentidos têm cada um seu papel na liturgia, eles captam a beleza dos sinais sensíveis. A falta de alguns deles pode impedir uma boa participação litúrgica embora em alguns casos, como os dos deficientes auditivos tenha, de vez em quando, tradutores.

Vejamos o que a beleza causa nos participantes da celebração litúrgica, uma vez captada pelos sentidos.

⁴⁸ ALDAZÁBAL, José. *Gestos símbolos*. Op.cit. p.23.

3.Os efeitos da beleza da liturgia nos participantes da celebração litúrgica

A busca pela beleza é algo comum que se percebe no dia a dia do ser humano, sobretudo nos seus momentos especiais. Com efeito, o homem sai da rotina para viver ou fazer algo diferente marcado muitas vezes pela beleza. Exemplo: o dia do aniversário é muitas vezes celebrado com festa, leva a pessoa a sair da rotina, o lugar da festa é enfeitado, o aniversariante se veste bem, faz-se uma refeição especial... Em resumo, o necessário será feito para que tudo saia bonito.

Esta busca da beleza não é à-toa, pois sabe-se que ela traz algo bom, faz saborear a vida. Assim, podemos afirmar com *Aldazábal* que “a experiência do estético e do belo produz em nós toda *uma série de benefícios*, tanto no plano humano-psicológico como no litúrgico-celebrativo. Confere à nossa existência uma dimensão mais humana e otimista”⁴⁹.

A liturgia também é uma festa, é um momento especial durante o qual a comunidade cristã celebra o Mistério Pascal, atualizando o sacrifício feito uma vez por Cristo na cruz, para a glória de Deus, para a salvação e a santificação da humanidade. Na celebração litúrgica, a busca pela beleza é também necessária porque ela pode facilitar a assembléia participante a alcançar o objetivo da celebração litúrgica. Entre vários efeitos que a beleza dos sinais pode causar nos participantes da celebração, destacamos apenas a *admiração* e a *alegria* que também podem desencadear outros efeitos.

A *admiração* é o fato de se sentir interessado e atraído por alguma coisa. A beleza dos sinais litúrgicos provoca a admiração dos participantes. Afinal, quem participa da celebração litúrgica espera hinos bem cantados, uma igreja bem enfeitada e arrumada, os ministros com

⁴⁹ Ib. p. 294.

santidade de vida e uma pregação bem feita. Tudo isso atrai os participantes que se deixam envolver e tocar pela beleza a ponto de quererem construir aí a tenda porque o lugar é bom de ficar. A admiração que os participantes têm pela beleza dos sinais lhes dá um sentimento de alegria.

A *alegria* é um estado de satisfação e de prazer marcado pelo ânimo. Os participantes, fascinados pela beleza da liturgia encontram-se no estado de alegria, que é um grande estímulo para uma participação ativa. Quando os participantes estão alegres, a celebração também fica muito animada e podemos perceber todo mundo acompanhando a cerimônia e fazendo gestos no momento certo porque há uma força que impele todos para a ação litúrgica. Esta força é a alegria.

Os dois efeitos *admiração* e *alegria* são os principais que podem desencadear outros como o ânimo e a êxtase. A alegria é um sinal que pode mostrar que a liturgia é bela. Quando os participantes estão felizes e têm entusiasmo e ânimo, significa que a liturgia é bela. Ao contrário, uma celebração fria e não participativa é sempre sinal de feiúra, de que algo não está bem.

Os efeitos citados são causados pela *participação litúrgica externa* que envolve realidades sensíveis como: a unção, o abraço, os cantos...Aqui, a liturgia é vista do seu lado natural, isto é, a ação litúrgica entendida e compreendida do jeito que é, sem procurar ver além dela um outro significado. A beleza pode também causar todos esses efeitos em qualquer público ou assembléia, independentemente do ambiente ser religioso ou não.

Todavia, os efeitos causados na participação litúrgica externa, criam emoções espirituais que causam outros efeitos como a adoração e a contemplação na participação litúrgica interna. Esta acontece quando o participante da celebração mergulha no mistério de Deus, tomando consciência de que o rito do qual participa pelos cantos, pelos movimentos, pelas palavras e pelos gestos evoca de fato o que é celebrado, isto é, o Mistério Pascal. Aqui a liturgia é vista do seu lado sobrenatural onde, pela força do Espírito Santo, as realidades sensíveis são símbolos das

realidades divinas. O participante da liturgia, para alcançar o objetivo litúrgico, deve, necessariamente, viver este nível de participação litúrgica interna.

Valeriano Santos Costa fala das duas participações no mesmo sentido dizendo que a participação litúrgica externa se faz por meio da ação ritual, que configura a dimensão exterior do culto litúrgico e a participação litúrgica interna acontece no nível da experiência mesma do mistério⁵⁰.

A partir do que já vimos neste capítulo, a beleza com as suas diferentes formas e suas funções, os sentidos do corpo que a captam, os efeitos que ela causa nos participantes da celebração, procuremos entender como acontece a manifestação da presença real de Cristo, na sacramentalidade da beleza da liturgia.

4 A manifestação da presença real de Cristo na beleza da liturgia enquanto realidade sacramental

A meta neste trabalho é mostrar a manifestação da presença real de Cristo pela beleza da liturgia. Devemos saber como uma realidade invisível pode ser percebida pelos sentidos e, para isso, precisamos entender a *sacramentalidade*.

4.1 A sacramentalidade

A vida humana está cheia de sinais, meios úteis para a comunicação e a expressão de sentimentos, desejos e idéias. Dentro de um contexto determinado, os sinais são uma linguagem à qual, geralmente, nem se precisam acrescentar palavras para que as pessoas entendam o seu significado. O sinal é uma realidade sensível, que aponta para uma outra realidade invisível,

⁵⁰Cf. COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005, p.28.

espiritual, transcendente. Com efeito, flores colhidas na natureza, com as quais é feito um buquê e entregue a uma pessoa, podem ser uma declaração de amor. As flores permanecem flores, mas expressam uma outra realidade que é o amor.

O sinal é símbolo quando ele contém em si, de uma certa forma, a realidade indicada ou significada. É o caso da água que é símbolo de purificação ou de vida porque ela purifica e limpa, e o ser humano precisa dela para viver.

Para simbolizar realidades divinas, os sinais sensíveis têm dentro deles a marca do Criador e a potencialidade.

4.1.1 A marca do Criador e a potencialidade nos sinais litúrgicos

O relacionamento que existe entre Deus e a humanidade é uma relação de amor. Deus ama os seres humanos que ele mesmo criou e a quem tem mostrado este amor ao longo da história da salvação. Com efeito, por diferentes acontecimentos, como a libertação da escravidão no Egito(Ex 2, 23-14,31), o povo eleito tem notado a presença e a ação amorosa de Deus que caminha com ele, guiando-o e salvando-o. Por sua vez, o homem é também grato, procura agradar, louvar e agradecer a Deus.

Entre Deus e a humanidade, nota-se uma comunicação que se faz por meio de sinais sensíveis. Um dos sinais de que Deus se serviu para comunicar-se é o seu Filho Jesus Cristo. Tudo o que ele fez na vida terrena (anúncio do Reino de Deus, o amor pregado e vivido) era maneira de revelar Deus ao mundo. Então, o amor de Deus velado, considerado como mistério se revela em Jesus Cristo por quem a salvação e a vida nova vieram ao mundo.

Cristo cumpriu a sua missão numa entrega total até a morte. Ressuscitou, subiu ao céu e foi glorificado. Porém, mesmo sendo glorioso, não podendo ser visto, ele permanece presente no

mundo agindo pela *Igreja* por meio dos sinais sensíveis. Então, por estes e com o poder do Espírito Santo, a humanidade pode contar com a presença permanente de Deus por seu Filho Jesus Cristo.

Os sinais sensíveis do que se tratam são realidades sensíveis (Seres humanos, coisas da criação, acontecimentos, gestos, ações ...) das quais Deus e o participante da celebração se servem para comunicarem-se. Nelas há *a marca do Criador*. Maldonado fala desta marca do Criador nas coisas da criação dizendo:

O mistério deixou a sua marca nas realidades sensíveis da criação. Estas se acham habitadas por ele. A criação participa de sua força, de sua vida e de sua beleza. Daí por que cada realidade criada, com uma certa densidade, seja uma marca[...]que nos remete a esse mistério e no-lo faz presente. É essa a função simbólica e o acontecimento simbólico: fazer perceber, perceber no sensível e por meio de uma experiência sensível o impacto, a evocação do inefável, ao mesmo tempo próximo e distante⁵¹.

A *marca do Criador* pode ser entendida como a intenção de Deus sobre tudo que criou. Ele quer que as suas criaturas contribuam para o bem da humanidade. Assim podemos dizer que uma realidade sensível tem a marca do Criador quando ela é algo que serve para o bem ou a sua finalidade corresponde à vontade de Deus.

Os sinais sensíveis têm também a *potencialidade* que pode ser definida como a força do Criador que os habilita a simbolizar as realidades divinas. Gregório Lutz se refere a esta força nos sinais litúrgicos quando afirma: “Nos símbolos litúrgicos está presente uma força transcendente,

⁵¹ MALDONADO, Luis. A celebração litúrgica: Fenomenologia e tecnologia. In: BOROBIO, Dionísio. *A celebração na Igreja* 1. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, p.161-461, 1990, p. 219.

uma força divina que cria uma relação de símbolo com uma realidade não só espiritual, mas divina e salvífica”⁵².

Partindo da noção de marca do Criador nas realidades sensíveis e da potencialidade das mesmas, podemos tentar uma definição de sacramentalidade.

4.1.2 Definição de sacramentalidade

Podemos definir a sacramentalidade como propriedade das realidades sensíveis de atualizarem o mistério pascal, de simbolizarem as realidades divinas graça à potencialidade e à marca do criador. Assim, o gesto de imposição das mãos do sacerdote sobre a cabeça de uma pessoa simboliza recebimento do Espírito Santo; a comunidade reunida simboliza corpo de Cristo; e também a beleza das realidades sensíveis simboliza a beleza das realidades divinas na liturgia. Cria-se uma relação entre a realidade sensível percebida na liturgia externa e a realidade divina.

4.2 A experiência da beleza da liturgia como experiência e manifestação da presença real de Cristo.

O conceito *experiência* pode ser entendido como efeito, resultado do encontro do homem com uma realidade determinada que o marca, o move, o transforma, fazendo dele alguém diferente do que era antes. É no mesmo sentido que *Leonardo Boff*, falando do conceito, afirma: “A experiência contém, pois, um elemento subjetivo e um elemento objetivo. Nesse encontro de ambos, na modificação que se opera tanto na consciência como nos objetos é que se estrutura a

⁵² LUTZ, Gregório. *O que é liturgia?* A natureza da liturgia à luz da constituição sobre a Sagrada liturgia do Concílio Vaticano II 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2003, p.31.

experiência”⁵³. Então, um fato vira experiência, na medida em que modifica a pessoa e torna-se algo de referência na sua vida.

A vida de Jesus comoveu, tocou muitos de seus conterrâneos que tiveram contato com ele e, por causa disso, chegaram a acreditar em Deus e a mudar de vida. Eles, por Jesus, fizeram a experiência de Deus que entrou na vida deles.

Na liturgia também, a pessoa pode fazer a experiência de manifestação da presença real de Cristo. Com efeito, quem participa da celebração litúrgica, vai, geralmente com a intenção de experimentar a presença de Cristo e espera efeitos desta experiência.

A experiência da presença real de Cristo pela beleza da liturgia pode, de fato, acontecer e a assembléia chega a percebê-la, pois a liturgia é um momento de experiência de Deus. Todavia, não é algo que acontece de um momento para outro, mas é um processo, um caminho que vai mergulhando aos poucos o participante da celebração no mistério, até perceber a manifestação da presença de Cristo. Isso implica uma predisposição do participante, tendo fé e vontade de participar ativamente e conscientemente. Assim, como a liturgia é sacramental, a experiência de Deus que se faz dentro da liturgia passa também pelos sinais sensíveis com a força do Espírito Santo. A ação litúrgica gira mais em torno de quatro elementos importantes: Deus, a assembléia, as realidades sensíveis e os efeitos.

Ao iniciar a celebração, o participante toma consciência de ser o seu sujeito, participando do rito, envolvendo-se na ação litúrgica e fazendo da mesma não só uma ação comunitária, mas também uma ação pessoal, deixando-se tocar no todo o seu ser.

Daí, a beleza do ambiente que acolhe a assembléia para a celebração, a beleza da santidade do presidente e dos ministros da celebração, a beleza da homilia e das leituras, a beleza

⁵³ BOFF, Leonardo. Experimentar a Deus hoje. In :Frei Betto et al. *Experimentar Deus hoje*. Petrópolis: Vozes, p.126-190, 1974, p.136

dos cantos e dos ritos, o jeito belo de o presidente da celebração se posicionar e fazer gestos tocam, encantam, comovem, mexem com o participante penetrando em todos os seus sentidos. Nessa beleza e harmonia da ação litúrgica, transparece uma outra beleza; o participante percebe a beleza divina, o mistério de Deus além da beleza das realidades sensíveis. Daí, o participante procura fixar a sua atenção no mistério para a adoração e a contemplação, acreditando na presença divina invadindo o seu coração para fazer dele sua morada, para questioná-lo, amá-lo, mudá-lo, fortalecê-lo e salvá-lo. O participante percebe algo diferente que o marca, acontecendo naquele momento. Ao sair dali, sente-se outro, sente a paz, sente-se amado, fortalecido, perdoado, salvo e procura tomar uma resolução a partir da experiência vivida: uma resolução de compromisso, de fidelidade ao projeto de Deus, de amor ao próximo. E como, naquele dia, *Zaqueu*, ao ser visitado por Jesus, fez uma experiência inédita porque se sentiu amado; ele, que era excluído da comunidade religiosa por causa dos seus pecados, sentiu o perdão. O gesto de Jesus foi um ato belo que comoveu *Zaqueu*. Este, percebeu uma outra realidade que é a bondade, o amor, o perdão e a beleza de Deus, e que o levou a mudar de vida(Lc19.2-10). É como a experiência dos discípulos de *Emaús* que, no caminho, viram um homem caminhando com eles sem saber quem ele era. Porém, pela beleza da catequese ouvida o qual os tocou, os discípulos foram elevados a um outro nível: o de perceber que aquele homem era Cristo ressuscitado (Mt 24, 13-35).

Dá para perceber que, na liturgia, a beleza da interação entre Deus, a assembléia, os sinais sensíveis e os efeitos esperados gera a experiência da manifestação da presença real de Cristo⁵⁴.

Na liturgia, a beleza das realidades sensíveis (os ritos, os gestos, as palavras, os cantos....) eleva o participante a um outro nível, o de contemplar e adorar a Beleza das belezas, que é Deus.

⁵⁴ BUYST, Ione. *Pesquisa em liturgia: relato e análise de uma experiência*. São Paulo: Paulus, 1994, p.20.

A experiência da presença real de Cristo na liturgia é algo que está ao alcance de qualquer um que participa da celebração litúrgica. Aliás, a nossa participação litúrgica não serve de nada se não nos leva a essa experiência. É importante para isso trabalhar a beleza para ter uma liturgia que desperte o interesse do participante, mas este precisa também estar predisposto, preparando-se psicologicamente e tendo a fé na certeza deste encontro. *Thomas Keating* fala no mesmo sentido abordando a liturgia como experiência espiritual. Ele disse: “Se as pessoas que participam da liturgia têm uma preparação e uma compreensão adequadas, essa experiência de Deus é transmitida numa intensidade crescente”⁵⁵.

4.3 A prova da experiência da presença real de Cristo na liturgia

Para o participante da celebração, a experiência da manifestação da presença real de Cristo na liturgia é algo marcante porque faz o encontro com Cristo. Ele se sente mais perto dele, vive o Mistério Pascal, se sentindo perdoado, salvo, fortalecido, amado, curado e chega ao conhecimento de Cristo, deixando-se tomar por ele a ponto de dizer como Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gal.2,20). Cristo se coloca no centro da sua vida e vive em comunhão com ele. É no mesmo sentido que, ao falar de experiência, *Yves Congar* afirma: “Sob este termo entendemos a percepção da realidade de Deus vindo até nós, ativo em nós e por nós, atraindo-nos a si numa comunhão, numa amizade, isto é, num ser um para outro”⁵⁶. *Congar* quer mostrar que fazer a experiência de Deus implica uma mudança, deixando-o entrar na nossa vida, agir em nós, tomar conta da nossa vida e viver em comunhão com ele.

⁵⁵ KEATING, Thomas. *O Mistério de Cristo: a liturgia como experiência espiritual*. São Paulo: Loyola, 2005, p.7.

⁵⁶ CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 13.

A grande prova que vai mostrar que a pessoa fez a experiência de manifestação da presença real de Cristo na liturgia é o seu testemunho de vida e a paz que deve sentir dentro dela. Com efeito, a experiência do que se trata é um encontro do homem com a Beleza por excelência. Depois de contemplar esta Beleza, o participante é convidado a viver o que viu e adorou pelo testemunho de vida. Mas na prática, nem sempre isso que acontece. Ao sair de uma celebração litúrgica, a assembléia litúrgica é comparada a um campo onde as sementes foram jogadas em diferentes terrenos. A semente que caiu na terra fértil produz frutos enquanto aquela que caiu em terra não fértil não produz (cf Mc4,1-20). O encontro com Cristo na liturgia não produz frutos na vida de todo mundo. A alguns acontece mudança de vida, enquanto aos outros não acontece nada.

Conclusão.

Ao longo deste capítulo procuramos provar ou mostrar a experiência da manifestação da presença real de Cristo na beleza da liturgia. É um processo que nos levou a apresentar diferentes etapas como preparação para podermos compreender como acontece a manifestação. Para isso, falamos da beleza com as suas duas diferentes formas e sua função dentro da liturgia; falamos dos sentidos do corpo humano e o seu papel durante a celebração litúrgica; apresentamos alguns efeitos que a beleza da liturgia causa nos participantes da celebração; falamos da sacramentalidade e, por fim, mostramos como acontece a experiência da manifestação da presença real de Cristo na beleza da liturgia.

Na liturgia, a beleza tem duas diferentes formas: a beleza estética e a beleza da santidade, exigidas dos sinais litúrgicos. Todavia, do presidente da celebração é exigido mais pela sua função e responsabilidade. Ele deve mostrar o exemplo que os demais devem seguir, sendo um sinal belo estético e ético.

Durante a celebração litúrgica, o liturgo participa com o seu corpo todo, dom de Deus e põe ao serviço litúrgico todos os sentidos, indispensáveis para captar a beleza da liturgia. Esta, por sua vez, produz efeitos, como a admiração e a alegria que podem desencadear outros, como o ânimo e a êxtase. A alegria pode ser um sinal de beleza da liturgia. Quando os participantes da celebração estão alegres, participam com muito ânimo, isso mostra que algo agrada à assembléia. Os efeitos criam um ambiente agradável, despertam emoções espirituais que preparam o participante a mergulhar no Mistério de Deus, a fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo.

A experiência da manifestação da presença real de Cristo na beleza da liturgia passa, necessariamente, pelos sinais sensíveis. Precisamos entender o que é a sacramentalidade para

entender como acontece essa experiência de manifestação da presença real de Cristo na liturgia. A sacramentalidade é a propriedade dos sinais sensíveis de simbolizar, de atualizar o Mistério Pascal pela força divina, o Espírito Santo. Daí, entendemos que pela sacramentalidade, o participante da celebração litúrgica chega a perceber a beleza e as realidades divinas na beleza dos sinais sensíveis.

Uma vez que o participante faz a experiência da manifestação da presença real de Cristo na liturgia, ele deve normalmente ser marcado por ela e deve ter repercussão na sua vida testemunhando o que viu, contemplou e adorou.

Capítulo III

PISTAS PARA PROMOVER A BELEZA DA LITURGIA E DE SUA INFLUÊNCIA PARA A VIDA CRISTÃ

Introdução.

No primeiro capítulo deste trabalho, definimos e explicamos os conceitos do tema da nossa dissertação, mostrando que a beleza é uma via do encontro entre o divino e o humano. No segundo capítulo, mostramos que pela beleza, a assembléia pode perceber a manifestação da presença real de Cristo na liturgia.

Os dois capítulos afirmam a grande importância da beleza. Sendo assim, seria absurdo se a Igreja ficasse indiferente diante dessa realidade sem promovê-la para o serviço litúrgico e para a vida cristã.

Neste terceiro capítulo, proporemos algumas pistas para a promoção e a valorização da beleza para uma liturgia que leve os participantes da celebração à comunhão com Deus, ao louvor, à santificação e à salvação além de promover e valorizar a beleza para a vida cristã em geral, já que os seus efeitos ultrapassam as fronteiras litúrgicas. Eis as pistas que propomos:

- a formação para a beleza, para a liturgia e para a arte sacra;
- incrementar a beleza como manifestação da presença real de Cristo numa liturgia autêntica, numa liturgia inculturada e criativa, num espaço belo, nas imagens adequadas, nos mobiliários e outros objetos.

No fim, faremos uma conclusão que dará uma idéia geral sobre as propostas feitas.

1. Formação

Neste item falaremos dos destinatários da formação, da formação para a beleza, para a liturgia e para a arte sacra.

1.1 Os destinatários da formação

A formação que propomos, como primeira pista para promover a beleza da liturgia e de sua influência para a vida cristã, será destinada a todo cristão, mas de modo especial aos diferentes grupos de pessoas que têm mais envolvimento com a liturgia e, portanto, mais responsabilidade. Será destinada mais aos bispos, sacerdotes e diáconos; aos seminaristas; aos artistas e arquitetos; às equipes de pastoral litúrgica e de celebração; aos alunos de catecismo e de crisma e, eventualmente, às escolas da fé organizadas nas diferentes paróquias.

Aos bispos, sacerdotes e diáconos porque eles têm a responsabilidade de zelar pelo bom andamento da liturgia, nas suas diferentes dioceses, paróquias e comunidades; e porque, apesar da formação teológica que tiveram e que lhes capacita na questão litúrgica, nota-se às vezes uma escassez na liturgia. A grande prova disso está na publicação do documento *instrução Redemptionis Sacramentum pela congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos*. O documento trata mais de uma chamada de atenção a respeito das normas que devem ser observadas em relação à celebração litúrgica. São normas ensinadas na formação para sacerdotes, mas que, depois, nem sempre são observadas. Aos seminaristas porque são formados para o sacerdócio, pessoas que terão a missão de celebrar os santos mistérios e de orientar a liturgia nas paróquias.

Aos artistas e arquitetos porque trabalham com a arte e o espaço litúrgico, elementos importantes na liturgia.

Às equipes de pastoral litúrgica e de celebração. Numa paróquia, a equipe de pastoral litúrgica tem o papel de preparar as celebrações e de cuidar da vida litúrgica em geral. Ela deve normalmente ser estável, formada de pessoas que têm dom na liturgia; enquanto a equipe de celebração é formada de pessoas exercendo diferentes ministérios, durante uma celebração litúrgica. São equipes indispensáveis numa paróquia. E pelo papel delas, a formação é necessária.

Às escolas de fé onde muitos fiéis dão continuidade com a formação catequética e aprendem sobre a teologia.

Aos alunos de catequese que estão na fase de iniciação à vida cristã. Para muitos pode ser a única oportunidade na vida deles de ter a catequese ou a formação da doutrina cristã. Seria muito bom também dar a catequese litúrgica para que participem melhor das celebrações.

1.2 Formação para a beleza

Neste item de formação para a beleza, trataremos da beleza em geral e da beleza ecológica.

1.2.1 Formação para a beleza em geral

Se queremos resultados satisfatórios na formação para a beleza, ela deve fazer parte integrante da formação humana e cristã. Isso significa que ela deve começar bem cedo e ser dirigida especialmente para as famílias cristãs e para a catequese.

Os pais e os catequistas têm o dever de formar os filhos, alunos e jovens para a beleza, mostrando-lhes que Deus é belo e que ele quer belos o mundo e as coisas; que a vida que ele nos deu é bela e que precisamos cuidar bem dela. Daí, de forma bem simples ensinar-lhes a maneira certa de fazer ou de arrumar as coisas, de organizar a vida, de cuidar de si mesmo. Essa formação não deve se limitar somente à beleza estética, mas envolver também a beleza ética, a beleza da santidade, mostrando como uma pessoa pode se tornar bela, a partir dos seus bons atos, das suas virtudes, como a bondade e que por isso o mundo e a vida podem ficar mais belos. *Jesus, Madre Teresa de Calcuta, Martin Lutherking e João Paulo II* eram pessoas com beleza de santidade que colaboraram para um mundo mais belo pelos seus atos. Elas podem ser apresentadas como modelos a seguir para a beleza da santidade.

Mostrar, também, de modo geral que a feiúra estética ou ética é inadequada à vida. Com efeito, a feiúra estética desanima, desgosta e a feiúra ética é responsável por muitos males que acontecem no mundo atual, como a violência, as injustiças e as guerras.

Uma tal formação vai despertando no jovem o gosto pela beleza, e é algo que poderia crescer junto com ele, fazendo parte da sua personalidade. E isso pode ter uma grande influência

na sua vida, levando o jovem a praticar o bem, a cultivar dentro dele valores morais. De modo particular, poderia ter também repercussão na liturgia, valorizando a beleza dos sinais litúrgicos, e vendo nela a beleza divina. Tudo isso pode ajudar a juventude a fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo na liturgia.

Os bispos, os sacerdotes, os diáconos e futuros sacerdotes são pessoas que, pelos ministérios que exercem, têm mais envolvimento com a liturgia. Esta deve fazer parte do programa de formação permanente, no qual é bom se falar da teologia da beleza, fazendo uma reflexão teológica para conhecer os seus diferentes reflexos no mundo sensível, para conhecer também a beleza como via do encontro do humano com o divino, para poder valorizá-la na liturgia. Mostrar concretamente nos sinais, gestos e ritos a transparência dessa beleza: a maneira bela de se vestir liturgicamente, de fazer os gestos, de falar em público, de andar no espaço litúrgico, de fazer o sermão e de cuidar da liturgia em geral. A formação do pastor para a beleza é muito importante porque depende em grande parte dela para tornar bela a liturgia na paróquia. O pastor deve mostrar o exemplo, orientar e para isso, precisa de formação adequada.

A celebração do Mistério Pascal é uma das funções importantes do sacerdote que precisa ser capacitado para cumpri-la, celebrando belamente a liturgia e, por ela, levar as pessoas à salvação.

As equipes de liturgia, pela sua função de preparar as celebrações, têm obrigação da formação para celebrações litúrgicas belas, animadas e participativas. É uma formação da qual o pároco deve participar para que juntos, achem o caminho para a beleza litúrgica na paróquia. Para isso, as dioceses devem ter pessoas preparadas e deputadas para a animação litúrgica. Nessa formação, é importante insistir sobre a beleza da ação litúrgica, dos mistérios celebrados. Para isso há necessidade de sinais litúrgicos belos.

Na formação pela beleza, seja para os sacerdotes, para os futuros sacerdotes ou para as equipes de liturgia, é sempre bom insistir no fato de que todos são sinais litúrgicos que devem refletir o que representam. Deveriam então deixar transparecer a beleza da santidade neles dando o testemunho de vida, tendo uma vida coerente com a fé professada e com o mistério celebrado. O contra testemunho dos ministros pode ser um motivo de afastamento dos fiéis das paróquias e das celebrações.

E quando o esforço é feito na formação para a beleza, as pessoas capacitadas poderiam cuidar melhor da liturgia para torná-la bela.

1.2.2 Formação para a beleza ecológica

No primeiro capítulo, vimos que a beleza do cosmo é reflexo da beleza divina e que o homem pode chegar ao conhecimento de Deus, vendo os seus rastros na beleza das suas criaturas. Se, de um lado vê-se a tendência a uma cultura de morte ecológica, marcada por desmatamento e poluição que causam um grande desastre ambiental, ameaçando a beleza ecológica; do outro lado, vê-se o esforço do homem de ser bom administrador dos bens da natureza valorizando-os. Neste sentido, a Igreja tem sido um bom exemplo. Com efeito, valoriza as coisas da natureza usando-as como sinais na liturgia, e o tema da *Campanha de Fraternidade* deste ano 2007: “Fraternidade e Amazônia” mostra a sua preocupação pelas coisas da criação.

Entre vários desses sinais, podemos enumerar alguns como água, flores, óleo, incenso. Outros ainda servem na confecção de diversos sinais; é o caso do trigo e da uva. Tudo isso nos mostra como as coisas da natureza têm valor litúrgico.

Esse valor litúrgico da beleza ecológica deve ser mais conhecido para ser melhor explorado. Será necessário apresentar Deus como Criador, Beleza por excelência e Fonte de toda

beleza; mostrar que a beleza que admiramos nas coisas criadas é reflexo da beleza divina e que o desrespeito a ela é uma ofensa a Deus; incentivar a criatividade usando objetos da natureza como a oferenda com frutos da terra ou da região, o enfeite da igreja com flores ou plantas naturais.

As pessoas, tendo consciência do reflexo da beleza divina nas coisas da natureza, vão acreditar mais que elas, em uso na liturgia, representam realidades divinas e isso facilita a experiência da manifestação da presença real de Cristo.

1.3 Formação para a liturgia

Vamos tratar da formação para a liturgia como realidade bela e criativa, apresentando para isso uma proposta de formação.

1.3.1 Formação para a liturgia como realidade bela

A liturgia é uma realidade bela cuja beleza faz parte da sua natureza. A beleza dos sinais sensíveis serve de meio e via ao participante da celebração para que ele alcance o objetivo da liturgia. A beleza dos sinais sensíveis é importante na liturgia, mas não pode ser supervalorizada porque o mais importante é a meta que o participante deve alcançar.

Por isso, nesta busca da beleza da liturgia, é necessário formar as pessoas para saber da finalidade do esforço de embelezar os sinais litúrgicos. Se de um lado lutamos pela beleza dos sinais litúrgicos, do outro lado podemos cair no esteticismo, tendo uma liturgia exteriormente bela mas sem participação litúrgica interna, sem chegar também a perceber a manifestação da presença real de Cristo; neste caso, a liturgia vira folclore.

1.3.2 Formação para a liturgia como realidade criativa

No primeiro capítulo deste trabalho, falamos da liturgia como realidade criativa. A criatividade litúrgica proporciona aos membros da comunidade a possibilidade de criar diferentes maneiras de expressar a sua fé em Deus na celebração litúrgica e contribui para uma liturgia mais bela e participativa, ajudando a assembléia a alcançar o objetivo da sua celebração.

Mas, para uma criatividade litúrgica benéfica, há necessidade de formação, mostrando quais os elementos litúrgicos que podem ser sujeitos à criatividade, e quais os riscos quando ela não for bem feita.

Quando a criatividade é bem feita, há grande probabilidade de ter uma liturgia bela, com pessoas participando ativamente da celebração e fazendo a experiência da manifestação da presença real de Cristo. Um grande cuidado deve ser tomado com aquela originada da religiosidade popular cuja tendência é de criar liturgias paralelas, sem normas, e como ela tem muita influência, às vezes pode ser um grande veículo de erros. Acontece que, às vezes, há exagero, sobrecarga nessa criatividade, esquecendo-se do essencial, destacando-se símbolos de pouca importância. Por isso, é muito importante a formação antes de qualquer tentativa de criatividade.

1.4 Formação para a beleza da arte sacra

Na formação para a beleza da arte sacra, falaremos da beleza da arte sacra em geral e em particular. A proposta de uma formação será sempre feita para deixar transparecer a beleza seja na arte em geral ou em particular.

1.4.1 Formação para a beleza da arte sacra em geral

No primeiro capítulo vimos que a arte sacra é reflexo da beleza divina, por isso, a teologia e, de modo particular a liturgia valorizam – na. Por ela, o homem religioso pode expressar sentimentos religiosos, verdades da fé ou experiência religiosa que podem ser plasmados e representados em imagens de tal forma que sejam percebidos pelos sentidos.

Na liturgia, a arte sacra tem o papel de representar as realidades divinas, de instruir porque a imagem fala por si mesma, transmitindo mensagem; além de seu papel estético, que é reflexo da beleza das realidades divinas.

Para se ter uma arte sacra, reflexo das realidades divinas que representam na liturgia, é necessário ter artistas sacros bem preparados. Por isso, as faculdades de teologia, com a ajuda dos bispos devem promover o curso de arte sacra que permita formar artistas sacros que atuam nas dioceses e paróquias, e devem proporcionar também aos sacerdotes e futuros sacerdotes as noções da arte sacra. É uma grande falha para alguém que deve assumir o ministério presbiteral, celebrar os Santos Mistérios sem ter as noções de arte sacra. Ela deve fazer parte do programa de formação permanente para sacerdotes. Esta formação foi uma preocupação do *Concílio vaticano II*, que recomendou aos bispos a se interessarem pelos artistas, dando- lhes o espírito da arte sacra e da sagrada liturgia⁵⁷, além de recomendar também a formação artística do clero, durante o curso de filosofia e de teologia⁵⁸.

Para esta formação, alguns pontos merecem muita atenção:

- A necessidade de dar o conteúdo, o centro das artes sacras. Segundo o *papa Bento XVI*, elas encontram os seus conteúdos nas imagens da história da salvação. Dentro encontramos as

⁵⁷ Cf. SC 127

⁵⁸ Ib. 129

imagens da História Bíblica e as da história dos santos como o desenrolar da história de Jesus Cristo⁵⁹.

-A necessidade de mostrar que, no seu trabalho, o artista deve ser inspirado, iluminado pelo Espírito Santo, por isso ele deve ser uma pessoa de oração.

-A necessidade de destacar os papéis litúrgicos, de modo especial, o de ser reflexo da beleza das realidades divinas.

-A necessidade de distinguir a arte sacra destinada para o culto e a arte religiosa destinada para a devoção.

-A necessidade de mostrar também o bom uso das artes sacras na liturgia.

Quando há, nas paróquias, pessoas capacitadas e empenhadas na arte sacra, colocando o seu talento ao serviço litúrgico, os resultados são satisfatórios. As igrejas ficam mais bonitas, criam um ambiente agradável a todo mundo, incentivando a oração e participação da celebração. O que pode facilitar a qualquer um fazer a experiência de manifestação da presença real de Cristo, já que, como afirma *Bento XVI*, o segundo *Concílio de Nicéia* e todos os Sínodos referentes a ícones viam neles um testemunho da encarnação⁶⁰. Pela beleza da arte sacra, o participante da celebração pode perceber o Deus invisível que entra no espaço visível.

1.4.2 Formação para a beleza da arte sacra em particular

Na formação para a beleza da arte sacra em particular, falaremos da beleza do espaço litúrgico e dos objetos neste espaço; além da formação das pessoas para isso.

⁵⁹ BENTO XVI. *Introdução ao espírito da liturgia*. 2ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p.97.

⁶⁰ *Ib.* p.90.

1.4.2.1 Formação para a beleza do espaço litúrgico

A celebração litúrgica acontece sempre num espaço geográfico bem definido. Há a igreja, que é “um edifício sagrado destinado ao culto divino, ao qual os fiéis têm o direito de ir para praticar o culto divino, especialmente público”⁶¹. Dentro reúne-se o povo convocado por Deus e aí o louva, alimenta-se da sua palavra, é santificado e salvo.

A ação desse povo reunido acontece num espaço chamado *espaço litúrgico* onde o celebrante principal, com os ministros e a assembléia exercem a ação litúrgica por seus diferentes ministérios. É um espaço sagrado onde é preciso muito respeito e tirar sandálias (Ex 3, 5). Ele é constituído de duas grandes partes que são o presbitério e a nave da igreja. O presbitério é a parte da igreja de onde o presidente da celebração preside a cerimônia enquanto a assembléia celebrante fica na nave da igreja.

Para a beleza desse espaço, as equipes encarregadas de cuidar da decoração, do enfeite e do arranjo precisam de uma iniciação, uma formação para saber o jeito certo de enfeitar, de decorar o ambiente, de arrumar os móveis e outros objetos em uso durante a celebração.

As equipes de celebração e de liturgia precisam também de uma iniciação para saber da maneira bela e correta de se movimentar, de exercer o seu ministério no espaço litúrgico, sem atropelo.

Com boa formação, as pessoas serão preparadas para arrumar e enfeitar esteticamente o espaço litúrgico e os membros da equipe de celebração poderão, também, atuar esteticamente durante a celebração. Tudo isso contribui para a beleza da liturgia, que pode levar os participantes a fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo.

⁶¹ Cân 1214.

1.4.2.2 Formação para a beleza dos objetos no espaço litúrgico

Dentro do espaço litúrgico encontram-se vários objetos no presbitério: o altar, o ambão, a cadeira da presidência, o crucifixo...no presbitério: a pia batismal, os bancos ou cadeiras da assembléia e dos ministros.....

Uma formação é necessária aos sacerdotes e às equipes de liturgia para que saibam ordenar os objetos no espaço litúrgico, colocando cada um no lugar adequado, ou no lugar que lhe é próprio e, para guardar nesse espaço litúrgico, somente objetos úteis para a liturgia.

Uma igreja com coisas desarrumadas, ou com objetos não litúrgicos, tira a beleza do espaço, cria um ambiente desconfortável que dificulta a participação da celebração litúrgica.

Em muitas igrejas vê-se uma grande bagunça; os objetos são dispostos de qualquer maneira e em qualquer lugar. Por isso, é necessário que os fiéis, os sacerdotes, as equipes de liturgia aprendam e saibam o que é o espaço litúrgico com as suas diferentes partes, e onde e como colocar cada objeto.

A formação e o conhecimento levarão as equipes de liturgia a dispor os objetos, conforme as normas litúrgicas e a criar mais harmonia e beleza no espaço litúrgico e na celebração.

Falamos da formação como pista para promover a beleza da liturgia e de sua influência na vida cristã. É uma formação dirigida a todo cristão, mas de modo especial aos bispos, sacerdotes, diáconos, seminaristas, equipes de liturgia, equipes de celebração, aos artistas, aos arquitetos sacros, aos alunos da escola da fé, da catequese e do crisma. Os diferentes grupos citados, pelo fato de a maioria ter mais envolvimento com a liturgia, têm necessidade de formação porque aprendendo e se informando, eles saberão como contribuir para uma liturgia bela, que leve a comunidade cristã a fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo.

É uma formação que pode ser feita de várias formas: por encontros ou cursos. Nela, precisa-se falar da necessidade da formação litúrgica, do valor litúrgico da beleza, como via do encontro do humano com o divino; da sacramentalidade da liturgia; da beleza ecológica como reflexo da beleza divina, e do uso das coisas da natureza na liturgia, da necessidade do cristão ser um sinal litúrgico esteticamente e eticamente belo, e do valor da arte sacra e do seu uso litúrgico.

2 Pistas para incrementar a beleza da liturgia

como manifestação da presença real de Cristo

Neste item, que é nossa segunda pista para promover a beleza da liturgia e de sua influencia para a vida cristã, mostraremos como desenvolver a beleza da liturgia para que os participantes façam a experiência da manifestação da presença real de Cristo. Isso será feito, incrementando a beleza numa liturgia autêntica, numa liturgia inculturada, num espaço litúrgico belo, nas imagens, nos mobiliários e em outros objetos.

2.1 Pistas para incrementar a beleza numa liturgia autêntica universal

A liturgia autêntica universal é aquela que é descrita pelo *Concílio Vaticano II*. Propomos pistas para desenvolver a sua beleza partindo de quatro sinais litúrgicos escolhidos: as palavras, os gestos, os cantos e o silêncio dentro da celebração. Vejamos como cada um desses sinais pode contribuir para a beleza da liturgia.

2.1.1 As palavras

As palavras são sinais indispensáveis na liturgia. Pelas Sagradas Escrituras, Deus nos fala; nós também, pelas orações e aclamações falamos a ele, fazendo pedido e dando resposta à sua

palavra. Estando ao serviço de uma ação bela, a beleza da palavra também é de grande necessidade. A beleza da palavra consiste na sua origem, no seu conteúdo e na sua pronúncia.

A palavra é bela na sua origem e no seu conteúdo porque ela é de origem divina e toca os ouvintes, dando esperança, fortalecendo, questionando, suscitando sentimentos de arrependimentos ou até conversão; e também ela é para o homem algo bom que sai de dentro dele, como sinal de agradecimento a Deus.

Se a palavra é bela na sua origem, esta beleza deve ser percebida pela maneira estética de proclamar a palavra de Deus, de fazer as leituras, de cantar, de fazer preces.....Para isso, é sempre bom treinar os leitores. É um trabalho que deve ser feito nos encontros semanais das equipes de liturgia e de celebração. Assim, fazendo as leituras de uma maneira clara, as palavras são ouvidas com toda beleza e os ouvintes compreendem a sua mensagem.

2.1.2 Os gestos

Pelos gestos o homem religioso expressa exteriormente, na celebração litúrgica, os sentimentos ou as atitudes interiores a partir de diferentes movimentos do seu corpo. Dependendo de como o gesto é feito, tem um significado. Com efeito, o bater com as mãos no peito significa reconhecimento de culpa; ajoelhar-se significa adoração, humilhar-se diante de Deus; braços abertos significam súplica, louvor.

Os gestos tornam-se bonitos na liturgia quando feitos harmoniosamente conforme as normas estéticas e litúrgicas nos momentos exatos e pelas pessoas certas. Essa beleza pode ser percebida numa celebração litúrgica, quando todos juntos se ajoelham, fazem o sinal da cruz, levantam os braços para rezar o Pai nosso. Essa harmonia contribui para a beleza de toda a ação litúrgica.

A primeira pista para a beleza desses gestos é o bom exemplo da equipe de celebração, constituída de pessoas que exercem diferentes ministérios durante a celebração. Quando são bem treinadas a fazer os gestos de uma maneira certa e bela, o restante da assembléia pode facilmente seguir-lhes o exemplo.

A segunda pista é a de aproveitar o tempo antes da celebração. Notam-se muitas vezes, fiéis que chegam à igreja trinta minutos antes da celebração. Esse tempo pode ser bem aproveitado para fazer um tipo de catequese litúrgica, ensinando como fazer gestos ou como se comportar na igreja. Quando isso é feito, nem que seja durante dez minutos cada vez, os fiéis terão possibilidade de aprender como agir durante a celebração litúrgica e dela participar melhor.

2.1.3 Os cantos e a música

A música e os cantos têm uma grande função na liturgia, à qual estão estreitamente unidas. Com efeito, são uns sinais pelo a assembléia celebrante expressa a fé, os sentimentos religiosos, as realidades e verdades divinas na sua beleza. Assim como o povo de Israel expressou a fé em Deus pelo Cântico(Ex 15,1-20), ao ser libertado da escravidão no Egito, os cristãos expressam também a gratidão e a fé em Deus pela libertação trazida por Jesus Cristo na música, nos cânticos durante as celebrações litúrgicas. Diante de Deus, o ser humano se sente pequeno, limitado para lhe expressar a sua fé e gratidão; por isso ele recorre à música e ao canto.

Bento XVI fala também da união entre liturgia e música afirmando:

Desde a origem, liturgia e música estiveram estreitamente unidas. Quando o homem louva a Deus, a simples palavra não basta. Falar a Deus ultrapassa os limites da palavra humana. Eis por que este diálogo com Deus, por sua própria natureza, sempre apelou para a música, o canto e as vozes da criação representadas pelo som dos instrumentos. Pois este louvor de Deus não cabe

apenas ao homem. O culto divino é o fato de unir sua voz à voz de todos os elementos do mundo⁶².

Além de expressar as realidades divinas, a música serve de estímulo e de ânimo para a assembléia litúrgica.

A música litúrgica deve ser bela como qualquer sinal litúrgico. A sua beleza está na letra inspirada nas Sagradas Escrituras ou nos dogmas da fé, na “sua correspondência com as leis do universo, rítmica e harmônica”⁶³. Ela está também na sua mensagem que os participantes precisam ouvir. Por isso, o volume dos instrumentos não deve ser muito alto para que todos escutem a mensagem do canto. A beleza do canto não consiste somente em escutá-lo, mas também de acompanhá-lo. A equipe de liturgia precisa programar cantos que a assembléia conhece e pode acompanhar. Em muitas igrejas, há costume de fazer ensaio dos cantos programados com toda a assembléia enquanto espera o início da missa. Isso permite que todos cantem durante a celebração.

Levando em conta tudo isso, a música se torna bela na liturgia e isso contribui para a beleza de toda a liturgia. Quando a música é bela, os participantes da celebração sentem-se mais animados e alegres, ficam comovidos, participam ativamente e podem facilmente fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo.

2.1.4 O Silêncio

Na celebração litúrgica, não há somente palavras, mas existem também vários momentos de silêncio. Ele é um sinal litúrgico muito significativo, dependendo dos momentos ou das circunstâncias. É um momento de contemplação do mistério, de meditar a Palavra de Deus, de

⁶² RATZINGER, Joseph. Liturgia e música da Igreja. In *comunio*. V.7, n.37, janeiro-fevereiro, p 77-92,1988, p.77

⁶³ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. Op.cit. p.112

ouvir aquele que contemplamos, de fazer uma viagem para dentro de nós mesmos para reconhecer as nossas culpas....O papa *Bento XVI*, reconhecendo a importância do silêncio afirma: “ O silêncio faz parte da liturgia [...] O que nós esperamos da Liturgia é precisamente que ela nos dê tal silêncio positivo- o silêncio que não é apenas uma pausa, cheia de pensamentos e desejos, mas sim o momento de contemplação, que nos ofereça paz interior, que nos deixe respirar e que descubra o essencial que se encontra oculto”⁶⁴.

Como qualquer outro sinal litúrgico, o silêncio deve também ser belo, isto é, um sinal que não é à-toa, mas positivo como falou *Bento XVI*, um sinal que permite aos participantes da celebração litúrgica mergulhar no mistério de Deus e perceber a manifestação da presença real de Cristo. Nesse sentido, o silêncio, como sinal, pode contribuir à beleza da liturgia. O presidente da celebração deve introduzir a assembléia a este momento para que saiba o seu porquê e possa aproveitá-lo melhor.

A instrução geral sobre o missal romano recomenda alguns momentos em que esse silêncio pode ser observado: antes de iniciar a liturgia da palavra, após a primeira e a segunda leitura, e também após a homilia⁶⁵. Sem desprezá-los, achamos que esse silêncio seria muito melhor no ato penitencial, após a homilia e após a comunhão.

No ato penitencial, o silêncio pode acontecer logo depois que o presidente convida a assembléia a reconhecer os seus pecados. É um intervalo de tempo que permite à assembléia pensar e se lembrar dos pecados cometidos, antes de o canto de pedido de perdão seguir.

Após a homilia, é para refletir sobre a mensagem ouvida, deixando que ela penetre dentro de nós.

⁶⁴ Ib. p.154.

⁶⁵ IGRM 56.

Após a comunhão, é para deixar todo o ser do participante da celebração gozar da presença real de Cristo na liturgia, que culminou com o recebimento do corpo e sangue de Cristo.

Esses momentos podem ser acompanhados de um suave fundo musical. Mas tudo isso só é possível se criarmos tempo para Deus, sem ter pressa.

Quando o momento de silêncio é belo e aproveitado, ele contribui para a beleza da liturgia, os participantes podem facilmente alcançar o seu objetivo.

Numa liturgia autêntica, os sinais citados, uma vez belos, influenciam muito também na beleza de toda a liturgia, permitem uma participação ativa dos fiéis.

2.2 Pistas para incrementar a beleza numa liturgia inculturada

A inculturação é um caminho para a beleza da liturgia. Mesmo assim, ela não é uma tarefa fácil, sobretudo num país como o Brasil que é multicultural. Ela é delicada e precisa de muito cuidado para mexer numa ação divina que tem uma longa tradição. Por isso, a tarefa fica na responsabilidade das Conferências Episcopais que têm a competência de julgar e decidir sobre introdução, adaptação na liturgia de elementos provenientes de ritos sociais e religiosos dos povos e que, atualmente, constituem parte viva de sua cultura que poderão enriquecer a compreensão das ações litúrgicas, sem trazer repercussões negativas para fé e para a piedade dos fiéis⁶⁶.

⁶⁶ DOCUMENTOS PONTIFICIOS. *A liturgia romana e a inculturação*. Petrópolis: Vozes, 1994, 32.

Podemos desenvolver a beleza numa liturgia inculturada por meio de certos elementos da cultura, em harmonia com o espírito evangélico. Um exemplo da nossa cultura brasileira pode nos ajudar a entender que é possível desenvolver mais este trabalho de inculturação.

O povo brasileiro gosta da sua música e podemos perceber a sua alegria ao cantá-la. Nas diferentes regiões do país, encontram-se músicas populares e profanas próprias daquelas regiões. Ouvindo os cantos litúrgicos nas mesmas regiões, podemos notar o ritmo e às vezes as melodias da música popular e profana. Na liturgia também se percebe a assembléia vibrando de alegria, de ânimo quando executa cantos que têm ritmo de cantos profanos e populares da própria cultura. Essa alegria e esse ânimo ajudam a assembléia a bem rezar, contribuem para a beleza da liturgia e podem permitir a percepção da manifestação da presença real de Cristo.

Exemplo como este é pista que mostra que, pela inculturação, podemos fazer bela a nossa liturgia. O campo para um trabalho de inculturação é vasto, porque temos muitos elementos, nos diferentes grupos étnicos: índios, negros e brancos os quais podemos explorar, sobretudo na celebração dos sacramentos.

2.3 Pistas para incrementar a beleza num espaço litúrgico

O espaço litúrgico, pela sua beleza pode levar os participantes da celebração litúrgica a fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo. Mas é algo que depende de certos fatores como decoração, visibilidade, som e conforto nos assentos. Vejamos como esses fatores podem fazer do espaço litúrgico um espaço belo.

A *decoração* contribui muito para a beleza da igreja pelas cores e flores, que dão mais vida e alegria, e também pelas estátuas e ícones, que refletem a beleza das realidades divinas. Todavia, ela deve ser discreta, para não se tornar objeto de distração, ou não abafar o essencial

que é o Mistério Pascal celebrado. É um fato notado em muitas igrejas, que se tornaram verdadeiros museus com coleção de imagens e flores.

Uma boa visibilidade pode contribuir para a beleza do espaço litúrgico, porque os participantes da celebração precisam ver Cristo agindo nos seus diferentes modos de presença real: no presidente da celebração, nas espécies consagradas, na palavra de Deus proclamada, nos leitores, na assembléia.....Para isso, uma boa iluminação é necessária, colocando-se lâmpadas adequadas e janelas com vidros que permitem a passagem da luz natural. Precisa-se também de uma boa disposição dos móveis e dos demais objetos, para que não impeçam os participantes de perceberem a ação litúrgica.

Um bom *som* faz também belo o espaço litúrgico porque os participantes precisam ouvir Cristo falar nos seus diferentes modos de presença. Para isso, é sempre necessário arranjar os microfones antes da celebração para que todo mundo ouça Jesus falando. Precisa também evitar, na medida do possível, barulho estranho de fora ou de dentro do local da celebração, o que pode distrair os fiéis. Os barulhos de fora são praticamente inevitáveis, sobretudo nas grandes cidades, por causa dos carros e da música, a não ser pela construção com material próprio que não deixa passar barulho. Dentro do local da celebração, é necessário ter um ministério que cuide da disciplina e da ordem, sobretudo no meio das crianças.

Os participantes da celebração precisam se sentir bem, tendo assentos confortáveis que lhes permitam bem participar da celebração.

Esses fatores reunidos tornam o local agradável, e as pessoas ali reunidas sentem-se bem à vontade, podendo bem participar da celebração, no meio da beleza da decoração e das imagens, da iluminação, do som e dos assentos que refletem a beleza das realidades celebradas e contribui para levar os participantes a perceber a manifestação da presença real de Cristo.

2.4 Pistas para incrementar a beleza nas imagens adequadas

As imagens, representações das realidades divinas podem, na liturgia, facilitar aos participantes a fazerem a experiência da manifestação da presença real de Cristo. Elas devem ser belas, refletindo as realidades que representam. Sua beleza consiste na ligação com o Mistério Pascal. Ao serem vistas, que elas sejam um caminho que levem os fiéis para a comunhão com Deus. A beleza consiste na observação das normas que fazem de qualquer realidade algo esteticamente belo, na clareza da mensagem que trazem e nos efeitos que podem provocar nas pessoas.

Quando todos esses fatores são levados em consideração, a beleza transparece nas imagens e influencia a própria beleza da liturgia que, pode por sua vez facilitar a experiência da manifestação da presença real de Cristo na liturgia. Admirando um belo ícone como o da ressurreição de Cristo, a pessoa se maravilha a ponto de ter a sensação ou a impressão de estar vivendo esse mistério, de ver Jesus, ao vivo, saindo do túmulo. Embora isso seja uma impressão, cria o clima envolvente de oração que pode suscitar na assembléia emoções espirituais proporcionando a experiência com Deus.

2.5 Pistas para incrementar a beleza dos mobiliários e dos outros objetos

Para o uso litúrgico, há vários mobiliários como altar, cadeira da presidência, mesa da palavra, credência, pia batismal, bancos da assembléia, genuflexório, além de outros objetos como galhetas, turíbulos, cálice, cibório, patena, livros litúrgicos. A beleza deles depende muito do material usado na confecção, levando em conta as normas estéticas e litúrgicas. A beleza da cada objeto contribui para a beleza da própria liturgia. Vejamos como podemos deixar transparecer a beleza em alguns deles:

O *altar* é a mesa da refeição de onde Jesus nos convida para o banquete eucarístico; onde se atualiza a entrega total de Cristo para a salvação da humanidade; constitui o centro simbólico da nossa fé cristã, da igreja e da celebração litúrgica.

Ele deve, de preferência, ser de uma peça única, de pedra bem talhada, representando Cristo, Pedra angular. Não precisa ter grandes dimensões, porque dentro dele se acomodam poucas coisas. O mistério celebrado sendo ligado unicamente a Cristo, o altar precisa ser fixo e estável. Sobre ele, devem ser gravadas cinco cruzeiras representando as cinco chagas de Cristo. Nada pode ser posto sobre ele: nem flores, nem vela, apenas uma toalha branca sobre a qual colocam-se cálice, cibório, patena durante a consagração⁶⁷. Assim, ele aparece com toda a sua beleza, deixando transparecer Cristo que representa.

A *cadeira da presidência* onde o ministro que preside a celebração senta-se. É um modo de presença real de Cristo. Ela precisa de um destaque que mostre a importância, a responsabilidade e o papel de quem está nela sentado. Ela será bonita e feita com material de boa qualidade, posta num lugar de onde o celebrante principal possa ser facilmente visto pela assembleia celebrante.

O *ambão ou mesa da palavra* é o lugar onde Cristo se coloca na pessoa do presidente da celebração para ensinar pela palavra de Deus proclamada, pelas leituras e pela homilia.

É importante que este lugar seja tão digno e belo quanto ao altar, à cadeira da presidência. As duas mesas e a cadeira da presidência devem ser do mesmo material e seguir as normas estéticas e litúrgicas.

Os *bancos na nave da igreja*, o lugar onde se acomoda a assembleia litúrgica. Esta é comunidade de fiéis reunidos com Cristo Cabeça. Como ele disse: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles”(Mt 18,20). A comunidade é sinal de presença

⁶⁷ Cf. PASTRO, Cláudio. *Arte sacra: o espaço sagrado hoje*. São Paulo: Loyola, 1993, p 245-255.

de Cristo e por isso, o seu lugar deve também ser digno e belo. Ele deve refletir a realidade divina Cristo que representa, levando em conta as normas litúrgicas e estéticas na sua estrutura.

Os mobiliários citados são apenas alguns exemplos, mas que mostram a importância que se deve dar à beleza dos mobiliários para o uso litúrgico. Ela contribui também para a beleza de toda a ação litúrgica. Nesses mobiliários citados, durante a celebração litúrgica, se encontram os diferentes modos de presença real de Cristo. Destacar neles a beleza estética é necessário, para serem mais agradáveis aos olhos da assembléia litúrgica, para que reflitam realmente a beleza divina que representam, e que, por eles, os participantes da celebração cheguem a fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo.

Para outros objetos usados na liturgia, a beleza é também recomendada. Por isso, a instrução geral sobre o missal romano diz: “Além dos vasos e das vestes sagradas, para os quais se prescreve determinado material, as demais alfaias destinadas ao culto ou ao qualquer uso na igreja sejam dignas e condizentes com o fim a que se destinam. Deve-se cuidar de modo especial dos livros litúrgicos, particularmente do Evangeliário e do lecionário, destinados à proclamação da palavra de Deus, gozando, por isso, de veneração peculiar, sejam na ação litúrgica realmente sinais e símbolos das realidades celestes, e, por conseguintes, verdadeiramente dignos, artísticos e belos”⁶⁸. Nenhum objeto litúrgico deve prescindir-se da beleza. Deve mostrar pela forma exterior a beleza das realidades divinas que representam.

Desenvolver a beleza da liturgia como manifestação da presença real de Cristo é uma tarefa que envolve a liturgia na sua totalidade, com as suas diferentes realidades. É por isso que mostramos como desenvolver a beleza de alguns sinais (palavras, gestos, cantos, silêncio) que são destaques na ação litúrgica. Procuramos mostrar como a inculturação pode contribuir para a

⁶⁸ IGMR 348-349.

beleza da nossa liturgia. Mostramos como fazer belo o espaço litúrgico e, por fim, falamos também da beleza das imagens, de mobiliário e de outros objetos.

Quando a beleza reside em cada uma dessas realidades, é a ação litúrgica que aparece bela no seu conjunto; cria-se o ambiente ideal para que a assembléia perceba e viva a experiência da manifestação da presença real de Cristo durante a celebração litúrgica.

Conclusão.

O caminho percorrido mostra-nos que a celebração litúrgica exige cuidados. É uma arte e deve obedecer às normas estéticas que implicam uma maneira própria de executar os ritos, de cantar, de falar, de construir os edifícios sagrados, de estruturar o espaço litúrgico, de arranjar os objetos nesse espaço. Ela é uma arte que exige a beleza nos sinais litúrgicos.

Apesar da presença freqüente dos nossos fiéis nas celebrações, muitos ignoram o valor do belo e da arte na liturgia, e também a linguagem litúrgica. Por isso, a formação é de suma importância.

A Igreja precisa e deve incentivar a formação que leve os cristãos a reconhecerem o valor litúrgico da beleza e da arte, a valorizar a espiritualidade ecológica que terá um grande impacto na liturgia. Os fiéis vão acreditar facilmente nos sinais naturais como sinais de manifestação de Cristo. A formação deve levar também os cristãos a saberem como proceder para a criatividade e a adaptação litúrgica; a valorizar a beleza dos sinais sensíveis na liturgia, beleza entendida nas suas diferentes formas: a beleza estética e a beleza ética ou da santidade; a compreender a sacramentalidade da beleza dos sinais sensíveis, porque esta beleza é reflexo da beleza divina e, por ela, os fiéis podem chegar a contemplar a beleza divina e a perceber a manifestação da presença real de Cristo na liturgia.

A formação deve ser destinada especialmente às pessoas que têm mais envolvimento e responsabilidade com a liturgia: os bispos, os sacerdotes, os diáconos, os seminaristas, os artistas e arquitetos sacros, as equipes de pastoral litúrgica, as equipes de celebração litúrgica e, eventualmente os alunos das escolas de fé para os leigos e os alunos de catequese e crisma. Tendo ela, os encarregados desenvolverão uma liturgia mais participativa, mais animada e mais

bela nas diferentes paróquias e comunidades; eles mesmos servirão de modelos, de exemplos para os demais no respeito pela ação sagrada, e na sua beleza.

Os resultados que se podem esperar dessa formação e do seu incremento são que os fiéis cheguem ao encontro com Deus, à salvação, percebendo e fazendo a experiência da manifestação da presença real de Cristo. Assim, a beleza será um caminho da salvação.

CONCLUSÃO GERAL

Este trabalho que, desde o início, teve como objetivo mostrar que, pela beleza da liturgia, os participantes da celebração litúrgica podem chegar à salvação, a perceber a manifestação da presença real de Cristo nos levou às conclusões seguintes:

A beleza é a característica que faz da realidade algo atraente, admirável. Pelos diferentes efeitos que causa na pessoa, ela é um estímulo, uma força motor que motiva, excita, impele o perceptor à ação. A pessoa é motivada à ação, a se comprometer porque sabe que há algo bonito e melhor que vem da sua ação. Nesse sentido, a beleza é indispensável à vida humana porque lhe dá sabor.

Com a sua fé, o homem conclui que Deus é a Fonte de toda beleza. Ele observa como o mundo e suas criaturas são belos e imagina como é belo o Criador de tudo. Só pode ser o autor desta beleza, a Beleza das belezas que é Deus. Pela beleza das coisas criadas, podemos também chegar até Deus porque a sua beleza se manifesta, se reflete na beleza das coisas criadas.

Na liturgia, o homem quer ver o Mistério Pascal atualizado e fazer a experiência da manifestação da presença real de Cristo pelos sinais sensíveis, pela força do Espírito Santo e pela Palavra de Deus. Nisso, a beleza é uma via, um caminho que facilita esta experiência. O liturgo e o liturgista chegam a descobrir que, pela beleza das coisas da criação, pela beleza dos gestos e os demais sinais, a liturgia torna-se bela e pode permitir a quem participa dela a comunhão com Deus, a salvação, a santificação, a experiência da manifestação da presença real de Cristo.

Perceber a manifestação da presença real de Cristo e vivenciá-la para sentir a paz do Senhor, o seu perdão, a sua força, o seu amor e finalmente sentir-se transformado e salvo é um processo que envolve diferentes etapas que vão mergulhando o homem nesse mistério. O que

qualquer um precisa para entender este processo é compreender a sacramentalidade da beleza. Entende-se por sacramentalidade a propriedade das realidades sensíveis de simbolizarem e de atualizarem as realidades divinas. Isso só é possível pela fé e pela força divina, o Espírito Santo. Daí, dá para compreender como a beleza das realidades sensíveis na liturgia pode nos levar até Deus, a Beleza das belezas.

O processo que leva o homem à percepção da manifestação da presença real de Cristo e a experimentá-la começa pela percepção da beleza das realidades sensíveis. O homem pelos seus sentidos percebe e capta a beleza, o que provoca em seu íntimo a admiração, a alegria, o ânimo. Até esse nível, o homem faz uma participação litúrgica exterior. A impressão que qualquer um pode ter da ação litúrgica nesta fase é um conjunto de gestos e sinais. Pela sua fé, porém, ele faz uma participação litúrgica interior que, pela sacramentalidade, percebe a beleza das realidades divinas além da beleza das realidades sensíveis. Essa beleza divina não o deixa sem efeitos: provoca adoração e contemplação. O homem mergulha no mistério, faz a experiência da manifestação da presença real de Cristo, sente a presença, o amor, o perdão, a força de Deus, é salvo. E a experiência deve deixar uma marca na vida da pessoa, levando-a à conversão e ao louvor a Deus.

O homem, que fez a experiência do encontro com Deus, é alguém que, depois, vai testemunhar o que viu, contemplou e adorou dando o testemunho de vida, vivendo conforme o evangelho, sendo reflexo da Beleza que viu.

Depois de perceber o grande valor da beleza na liturgia e na vida cristã, precisamos agir, tomar atitudes que nos levem a valorizar a beleza e a aproveitá-la melhor para a liturgia e para a vida cristã, tornando-a para nós um caminho do encontro com Deus. Propomos para isso, a formação e o incremento da beleza.

Todo cristão tem direito à formação para entender melhor o significado do mistério celebrado, para compreender a linguagem litúrgica, para conhecer o valor litúrgico da beleza, para participar melhor da celebração litúrgica e por ela, chegar à salvação. Todavia, queremos insistir mais nesta formação para as pessoas que têm mais envolvimento com a liturgia: os bispos, os sacerdotes, os diáconos, os seminaristas, os artistas e arquitetos sacros, as equipes de liturgia e de celebração, e, eventualmente, os alunos das escolas da fé, do catecismo e crisma. Essa formação deve levá-los à ação, procurando desenvolver a beleza na liturgia, na sua totalidade.

A beleza é um caminho para chegar até Deus, para a salvação do mundo, e o cristão não pode prescindir dela.

BIBLOGRAFIA

1 Bíblia e documentos da Magistério

BIBLIA SAGRADA. Edição pastoral. São Paulo: Paulinas, 1990.

BENTO XVI. *Sacramentum caritatis*: Exortação apostólica pós-sinodal do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATOLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CNBB. *Orientações pastorais sobre a eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1973.

_____. *Animação da vida litúrgica no Brasil*. 3ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CODIGO DE DIREITO CANONICO. 7 ed. São Paulo: Loyola, 1983.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *A liturgia romana e a inculturação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *El Magistério de la Iglesia*: Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum. 2 ed. Corrigida. Barcelona: Herder, 2000.

DOCUMENTOS DO CONCILIO ECUMENICO VATICANO II (1962-1965). 2ed. São Paulo: Paulus, 1997.

DOCUMENTOS DE PAULO VI. São Paulo: Paulus, 1997.

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE O MISSAL ROMANO. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

JOÃO XXIII. *Princeps pastorum*: Carta encíclica sobre as missões. Petrópolis: Vozes, 1960.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris missio*: carta encíclica do Sumo Pontífice sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1994.

PAULO VI. *Mysterium Fidei*: Carta encíclica sobre o culto da sagrada eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1965.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 2ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

2. Fontes principais.

ASOCIACIÓN ESPAÑALA DE PROFESORES DE LITURGIA. *La presencia de Cristo em la liturgia*. Baracaldo: Grafite ediciones S.L, 2004.

ALDAZABAL, José. *A eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

AMADO, Augusto Rodrigues. *Evangelho de São João comentado por Santo Agostinho*. Vol. II. Coimbra, 1945.

CASEL, Odon. *Le memorial du Seigneur dans la liturgie de l'antiquité chrétienne*. Paris: Cerf, 1945.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias: dialogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.

LÓPEZ MARTIN, Julián. *No espírito e na verdade: Introdução teológica à liturgia*. V.1. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTIMORT, A.G. *A eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1989.

TOMAS DE AQUINO. *Suma teológica*. Vol. II - VII. Rio Grande do Sul: Livraria Sulina Editora, 1980.

3. Bibliografia geral

3.1. Livros

ALDAZABAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.

ALONSO SCHOKEL, L. *Meditações bíblicas sobre a eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1973.

BOROBIO, Dionisio.(org.) *A celebração na Igreja*. V.1. São Paulo: Loyola, 1990.

_____ V.2. São Paulo: Loyola, 1993.

_____ V.3. São Paulo: Loyola, 2000.

BROURD, Maurice. *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.

BUYST, Ione. *Pesquisa em liturgia: relato e análise de uma experiência*. São Paulo: Paulus, 1994.

CHIARA, L. *O que significa a eucaristia hoje*. São Paulo: Editora cidade Nova, 1985.

COSTA, Valeriano Santo. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CORAZZA, Helena. *Comunicação e liturgia na comunidade e na mídia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

DONEGANA, C.(org). *Eucaristia e missão*. 1 ed. São Paulo: Mundo e Missão, 2005.

DURRWELL, F.X. *A eucaristia, presença do Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1976.

FORTE, Bruno. *A porta da beleza: por uma estética teológica*. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

FREI BETTO. *Experimentar Deus hoje*. Petrópolis: Vozes, 1974.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética: a idéia e o ideal, Estética: O Belo artístico ou o ideal*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

KANT Immanuel. *Crítica da faculdade de Juízo*. Rio de Janeiro: Forenso Universitária, 1993.

KASPER, Walter. *O sacramento da unidade: eucaristia e Igreja*. São Paulo: Loyola, 2006.

- KEATING, Thomas. *O mistério de Cristo: a liturgia como experiência espiritual*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LECLERCQ, Jacques. *Les grandes lignes de la philosophie morale*. Louvain: Publications universitaires de Louvain; Paris: Editions Beatriz-Nauwelaerts, 1964.
- LEMARIE, Joseph. *La manifestation du Seigneur*. Paris: Les éditions du Cerf, 1957.
- LUTZ, Gregório. *Celebrar em espírito e em verdade*. 2ed. São Paulo: Paulus, 2001.
- _____. *O que é a liturgia? A natureza da liturgia à luz da constituição sobre a sagrada liturgia do Concílio Vaticano II*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARASCHINI, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*. São Paulo: Aste, 1996.
- MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *O evangelho de Mateus: leitura comentada*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- NADEAU, Marie Thérèse. *Eucaristia: memória e presença do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- NARCISSO, Gilbert. *Le Christ em sa beauté*. Tome I. Magny-les –Hameaux(France): Socéval Edition, 2005.
- NAVONE, John. *Em busca de uma teologia de beleza*. São Paulo: Paulus, 1999.
- PASTRO, Cláudio. *A arte sacra: O espaço sagrado hoje*. São Paulo: Loyola, 1993.
- PINA, Álvaro. *O belo como categoria estética*. Lisboa: Livros horizonte, 1982.
- REY- MERMET, Théodule. *Vivre la foi dans les sacrements*. Limonges: Droguet e Ardent, 1977.
- THURIAN, M. *O mistério da eucaristia: uma abordagem ecumênico*. São Paulo: Loyola, 1986.
- UM MOINE DE L'ÉGLISE D'ORIENT. *Présence de Christ*. Paris: Chevetogne, 1960.

3.2. Dicionários

VILLA, Mariano Moreno. *Dicionário de pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2000.

SARTORE, Domenico. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992.

BORRIELLO, L. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus-Loyola, 2003.

3.3. Artigos.

DANNEMILLER, Lawrence. A profecia e a promessa da presença real de Cristo na eucaristia.

In: *Revista da cultura bíblica*, n.11, p.120-126, 1959.

BENOIT, P. Les récits de l'institution et leur portée. In: *Lumière et vie*, Lyon, n.31, p.49-76, 1957.

BOISMARD, M.E. L'eucharistie selon Saint Paul. In: *Lumière et vie*, Lyon, n.31, p.93-106, 1957.

BOSSUET, J.B. La véritable adoration. In: *La Maison Dieu*, Paris, n.203, p.7-38, 1995.

COSTA, E. Quelques propos sur musique e beauté de la célébration. In: *La Maison Dieu*, Paris, n. 233, p. 97-102, 2003.

DE CLERCK, P. Réflexion théologiques. In: *La Maison Dieu*, Paris, n.203, p.151-167, 1995.

DELORME, J. La cène et la Pâque dans le Nouveau Testament. In: *Lumière et vie*, Lyon, n.31, p.9-48, 1957.

DUPONT, J. Le repas d'Emmaüs. In: *Lumière et vie*, Lyon, n.31, p.77-92, 1957.

KONINGS, Johan. A memória de Jesus e a manifestação do Pai no quarto evangelho. In: *Perspectiva teológica*, n.51, p.177-200, maio-agosto 1988.

LUTZ, Gregório. Criatividade na missa. In: *Revista de liturgia*, n.16, p.3-14, julho-agosto 1976.

RATZINGER, Joseph. Liturgia e musica. In: *Comunio*, n.37, p.77-92, janeiro-fevereiro 1988.

